

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGR, PANTALEÃO PESSOA e MACIEL DA COSTA

N.º 85

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1920

Anno VIII

PARTE EDITORIAL

O relatório da Guerra

QUANDO em repetidos editoriaes e em commentarios repetidos apontavamos patrioticamente as innumeradas fallhas do mendicante aparelho que em mãos nacionaes devia solver o delicado problema da nossa defesa armada, fomos, por vezes, accusados de um scepticismo bem incompativel com os nossos conhecidos e alevantados ideaes.

Quando em argumentos candentes, apoiados em factos incontestaveis, procuravamos sensibilizar os nossos administradores, ensombrando as consequencias de seus descuidos, conquistamos, máo grado nossa sinceridade, os epithetos de *destruidores*, de *incontentaveis* e de *ambiciosos!!!* ... Eramos de facto e ainda somos, os destruidores da inertia, os descontentes dos processos insufficientes e illusorios, os ambiciosos da grandeza e da gloria da Patria, que ainda não souberam alcançar tão nobre anhelos pela lisonja aos poderosos, de olho nas vantagens que elles distribuem. Verdade tem força sufficiente para manter a harmonia entre os nossos calcanhares e os dentes dos mastins esfomeados.

O grande depoimento que vem de prestar o seu relatório o Sr. Ministro da Guerra, na virtude de reunir entre promessas a confissão official de tudo o que dissemos e que nos fazia deplorar a lassidão de administrações negligenciadas pelo gozo da autoridade e quasi ignorantes dos motivos de sua existencia.

É bem dolorosa a confirmação. Ella terá a grande de produzir nos responsaveis a mesma indolencia que nos causava a indifferença do meio que lutamos.

Estamos sem quartéis.

Diz o Sr. Ministro que, executado o sorteio, «por honra nossa, nosso corpo de officiaes bem comprehendeu o alargamento de suas novas funções» e «soube cumprir com alma e patriotismo seus deveres accrescidos» mas, «para bem desempenhar os não bastam esforços individuaes: são precisos, meios materiaes, recursos de todo o genero, a começar pelos quartéis».

Depois de analysar a insufficiencia destes na sempre lembrada 1.ª Região, a *Côrte*, e de estudar as difficuldades de aquartellamento na 2.ª Região, cuja distribuição de tropas é recente, diz S. Ex.:

«Na 3.ª Região, Rio Grande do Sul, a situação é de miseria. Quasi nenhum corpo está convenientemente abrigado das intempéries, sendo que alguns delles se acham em predios onde o typho é endemico» ... «Nenhuma região, talvez, se encontre, do ponto de vista de installações, em condições tão precarias».

Muito bem! Embora sabendo o que arriscavamos, já disseramos em nosso n.º 58, de Julho de 1918:

«Numa região onde o inverno é rigoroso e não apenas uma condescendencia cosmologica para com a moda, é humanamente impossivel trabalhar-se a tropa, como deve ser, quando ella é mal agasalhada de casa e de roupas, quando lhe faltam capotes, mantas e sapatos.»

Agora temos o consolo de ver que o Sr. Ministro sabe disso tudo e temos a esperança de que S. Ex. **attenda primeiro á miseria** e depois continue o seu programma em regiões onde a situação é menos precaria.

Não temos invernações na visinhança de todos os corpos montados e menos ainda, os campos necessarios aos exercicios de tiro.

S. Ex. confirma essa grande falta na pg. 42 do seu relatório e julga difficil resolver o problema ante as exigencias exageradas dos pro-

prietários. O Governo tem o recurso da desapropriação, mas, si não quizer adoptal-o, vale a pena ceder ás exigencias. Quem confrontar os preços dos campos do Rio Grande do Sul com os do Uruguay (realmente superiores) concluirá que, brevemente, ao lado do aperfeiçoamento da criação que se vai realisando naquelle Estado, dar-se-á tambem uma crescente valorisação dos campos.

Por outro lado, a economia resultante na massa de forragem compensará fartamente o excesso. No Rio Grande do Sul não ha lugar onde o milho não dê facilmente.

E, é tão grande a vantagem de tirar os corpos montados da dependencia de invernadas alugadas e afastadas dos quartéis, é tão conveniente tirar os commandantes da contingencia de *menear* aos particulares um lugar onde possam fazer tiros de fuzil e de artilharia ou estender-se em manobra para sahir dos corredores, que não ha exageros inexpensaveis.

Com relação a material de guerra diz o Snr. Ministro:

«Ninguém ignora que o Brasil está **quasi inteiramente desarmado.**» Em o nosso n.º 61, de Outubro de 1918, pg. 3, dissemos: «*A aquisição do material indispensavel para armar o Exercito e organizar convenientemente as suas fabricas e arsenaes é assumpto que já se não pôde discutir com bom humor. E' problema de vulto pelas despesas que acarreta, mas é uma necessidade que só pôde escapar aos necios e aos espiritos mal intencionados.*»

Na pg. 82 n.º 63, de Dezembro de 1918, repetimos: «... Os regimentos de artilharia montada, os grupos de obuzes e as companhias de metralhadoras estão **sem canhões, sem obuzes e sem metralhadoras.** Acaso pretendemos que a sociedade das nações nos assista em todos os actos da nossa vida interna e externa?»

A palavra do Snr. Ministro agora nos responde manifestando a intenção franca de provêr o Exercito com material moderno e, como Deus sempre protege o Brasil, aproveitaremos o resultado do concurso aberto pelo proprio Governo Francez, em Bourges, para o novo canhão de campanha.

Quanto ás qualidades technicas do material a ser adquirido, S. Ex. promette experiencias que dirão mais que quaesquer objecções anticipadas.

Todos temos o direito de dar preferencia a esta ou aquella qualidade; uma boa experiencia onde concorram o terreno, as condições tacticas

de emprego — com a *munição* para um ou dois dias de fogo — e a circumstancia de que não poderemos ter artilharia *transportada* pelo mesmo motivo que não devemos contar muito com os motores Diesel da Fabrica de Carrachos — reduzirá bastante o numero de opiniões.

E' para lamentar que todo esse material ainda não esteja aqui. Sente-se que o «*Belmonte*» é *germanophilo* e da peor especie, pois não tem a menor contemplação com os confrades que por aqui supportam as furias oriundas dos seus quatro mezes de viagem...

A concurrencia das usinas Creusot é ainda um bom elemento para o successo das experiencias.

A organização de *stocks*, a applicação do material substituido, a industrialisação das fabricas e arsenaes, o emprego de materias primas nacionaes, mereceram um lugar nas cogitações da administração da Guerra e muito desejamos que continuem preponderando nas suas preoccupações funcioneas.

E' sympathica a idéa de crear para o Governo o monopolio da fabricação das polvoras industriaes e de caça.

O progresso das fabricas existentes, a formação de uma reserva de mestres e operarios bem orientados e a fiscalisação, pelo Governo, das applicações e aquisições de taes productos, aconselham a constituição do monopolio.

Na parte referente á instrucção o Snr. Ministro vem lançar alguma luz a respeito das difficuldades que os *germanophilos* (?), o «*Belmonte*» inclusive, têm creado ao pleno exercicio da Missão Militar Franceza.

Diz S. Ex.: «Todos os reclamos novos terão sua traducção concreta no regulamento sobre a conducção das grandes unidades, nos regulamentos das diversas armas e na composição do Exercito em pé de guerra.

Breve estará terminada a elaboração de todos esses textos organicos e, em 1921, a instrucção, ora em periodo de transição e, como tal, bastante irregular, poderá ser ministrada a todos os corpos segundo um modelo unico oriundo da experiencia 1914-18, *condicionada pelas contingencias do theatro sul-americano.* Cressará dest'arte a confusão actual em que simultaneamente se instrue a tropa pelas regras antigas, obedecendo entretanto algumas unidades a regimen diverso, que é o ensaio da instrucção vindoura. Confusão augmentada, ainda, pela *inexistencia do material* ao qual vai ser applicada, lacuna que, parcialmente, só dentro em dous mezes começará a ser preenchida»

Dessa explicação parece que se poderá concluir que os *germanophiles* augmentaram o seu tempo de acção. Elles impediram até agora a *laboração de todos os textos organicos* necessários á instrucção, crearam uma confusão e ainda não chegaram os novos regulamentos e forçaram uma segunda confusão pela *inexistência do material ao qual vão* (elles regulamentos) ser applicados. Ao elevado espirito de tolerancia e ao *tratado de paz* deve estar o direito de respirar...

Tratando da Escola Militar, o Snr. Ministro diz: «O Brasil pôde estar tranquillo quanto á eficiencia pratica do ensino nesse estabelecimento de instrucção, e quanto á pureza e á elevação do ideal que anima todos os esforços desenvolvidos por mestres e discentes. E' digno da nossa terra e cada vez mais subirá no conceito dos que se interessam pela defesa nacional. Cumpre completar suas installações e pô-la em termos de poder dar instrucção integral, curada, até as minucias, á officialidade que inicia seu treinamento profissional».

Bravo! Essas palavras de justiça devem animar bastante a Escola Militar. O complemento material será um meio seguro de aproveitar o conteúdo das palavras.

Passando ao estudo dos serviços, o Snr. Ministro achou conveniente «accentuar que estava sendo, no pleno conhecimento de que **o Brasil se não concentra na Capital Federal**».

Essa affirmação que pôde parecer sem importancia, é muitissimo significativa. Não sabemos si á falta de geographia ou pela certeza que no Rio é que se faz opinião e prestigio, o Brasil Militar tem uma tendencia sempre muito accentuada nas suas administrações. Officiaes, quartéis, effectivos, material de guerra, uniformes e tudo o que pôde formar na *cidade de 7 de Setembro*, sempre teve preponderancia.

S. Ex. considera «inadiavel reclamo da defesa nacional», a lei de requisições militares. Em ella, a vida e a acção do Exercito tem, porcosamente, pelo imperio ineluctavel dos factos, de se exercer mediante *processos violentos*, que repugnam a todos os espiritos.» E' certamente uma bem concebida lei de requisições militares e a garantia unica da propriedade em épocas anormaes da guerra. Só com ella se poderá preparar uma mobilisação regular e completa; é tão essencial como a propria conscripção.

No problema da remonta como em outros ligados á administração o Dr. Calogeras mostra optimas disposições, collocando-se ao lado de idéas boas e vencedoras.

O relatorio começa pelo exame do sorteio quanto á sua execução e seus resultados. Ahi o Snr. Ministro se apresenta como o orador fluente de 1914 e colloca-se ao lado do serviço militar obrigatorio, ponto de vista em que não seremos nós os contestadores. Lamentamos bastante que, tanto pelo lado constitucional como pelo numero do contingente, o nosso pequeno Exercito não possa incorporar embora com o serviço de um anno, as classes inteiras e por isso fiquem perdidas as bellas idéas e o profundo conhecimento que S. Ex. revela. Salvo si S. Ex. pretende tirar partido dos T. G. desenvolvendo-os devidamente, a principiar talvez por pedir noticias do bello regulamento que S. Ex. approvou.

O relatorio trata, quasi a findar, da collaboração do Estado Maior e a respeito se exprime o Snr. Ministro com uma elevação comparavel ao seu entusiasmo pela conscripção. S. Ex. ahi se revela um espirito observador e, aproveitando o relatorio, mostra que sabe pairar acima dos cochichos e intrigas em que a época é tão fértil.

Em resumo: o relatorio é uma linda promessa, e fazemos sinceros votos para que no de 1921, o Snr. Ministro possa substituir a maior parte della por um *compte rendu* de numerosos *faits accomplis*.

Ainda o problema dos sargentos

As idéias que no editorial do n. 84 expendemos sobre este sério problema echoaram com franco applauso entre os nossos camaradas, principalmente da tropa, e muitos nol-o manifestaram pessoalmente.

Desde os primeiros numeros desta revista, desde ha sete annos, portanto, muitas vezes tratamos do assumpto, sempre sob os mesmos pontos de vista.

Não se trata de fazer das divisas de sargento uma especie de bilhete de ingresso a um instituto de beneficencia, onde se reparta uma vultuosa verba orçamentaria; não se trata de applicar a caridade official, generosa, a uma classe de servidores, tenham ou não bem servido; e muito menos se trata de tornar

sa carreira semi-permanente do sargento mais apetecível, sem correspondentes exigências justificativas, o que provocaria seu atravancamento muito conhecido, por nuvens de *cometas, cadeides, ou moços bonitos, vulgo filhotes* — o nocivos á disciplina é ao trabalho.

Haja vista o que succedeu com o quadro de amanuenses — idéia fundamentalmente sã, mas explorada pelo nepotismo e pela cavação, a ponto de determinar a reacção radical de sua execução.

A's idéias que delineamos accrescentar-se-ia com vantagem uma outra que os foi agora indicada: depois de 5 annos de serviço, conceder periodicamente um razoavel augmento de vencimentos. Como se sabe, em alguns exercitos isso mesmo se applica aos officiaes, como um meio intelligente de compensar os demoras e desigualdades de carreira, conforme as armas, e manter um certo estímulo. Os encargos de familia vão crescendo, independente da carreira do militar, e é permanente a conveniência de liberal-o razoavelmente das preocupações desta ordem, sob pena d'elle ter que lançar-se a expedientes ou a propositões collateraes, com prejuizo de sua moralidade ou de sua plena dedicação ao serviço militar. E ninguem poderá articular a razão de que o Estado nada tem que vêr com a familia de seus servidores: tem e tem! E é no seu proprio interesse! Muito menos num paiz novo e pouco povoado poderia o Governo desinteressar-se deste aspecto de seus deveres, quicá desestimar uma classe na constituição legitima e condigna da familia.

Dissemos que desde o primeiro anno desta revista, por mais de uma vez, aborramos este problema. E' com um legitimo rubilo que vemol-o finalmente despertar o interesse da officialidade, do Congresso e do Executivo, e com igual satisfação creditamos, pois que vem a proposito, a mais antiga das nossas notas editoriaes sobre o assumpto, publicada em Janeiro de 1914 (N. 4, pag. 136), bordada sobre uma noticia do estrangeiro. Eil-a:

«Os inferiores do exercito prussiano foram agora contemplados com uma melhoria das vantagens que têm ao deixar o serviço.

Quem quer que comprehenda a necessidade de um exercito permanente, descobrirá a significação de taes medidas. Quão graves prejuizos resultam da falta de um numero sufficiente de inferiores antigos, se depreheende das queixas dos exercitos russo e austriaco, onde não foram tomadas as necessarias providencias para reter os inferiores mais tempo sob as bandeiras. Está clarissimo que isso só é possivel quando se offereçam ao inferior taes condições que elle possa viver satisfactoriamente durante sua permanencia nas fileiras e que, concluido o serviço, após longos annos de trabalho, tenha sua existencia assegurada lá fóra.

Entre nós ainda não se sentiu a importancia desta questão, pois só agora é que desponta a noção de que exercito é para instruir os cidadãos. A necessidade de alcançar com essa preparação o maior numero possivel de homens, afim de crear com toda a intensidade a reserva nacional, exige que cada contingente seja mantido sob as bandeiras o minimo tempo sufficiente para o seu preparo nas armas. Se assim o tempo de permanencia nas fileiras reduz-se ao minimo, é preciso elevar a intensidade do trabalho nesse tempo ao maximo. Ora, o preparo militar basico é a instrucção individual... e os órgãos desse trabalho fundamental são os inferiores.

Evidentemente, até um certo limite os inferiores serão tanto mais aptos para a função, quanto mais antigos, isto é, quanto mais tempo tiverem praticado sua função de instructores... Ao cabo desse tempo, o homem que deixa o exercito, onde sem duvida applicou o melhor tempo de sua actividade, precisa ter sua existencia assegurada de forma condigna. Nada mais logico, tambem, que o exercito se utilie das vantagens que pôde offerecer em si mesmo, como sejam certos cargos burocraticos indispensaveis para assegurar ao exercito o necessario numero de inferiores antigos. Assim, a primeira condição para um inferior aspirar a um desses cargos ou quadros para ter no minimo seis ou oito annos de effectivo serviço na fileira.

Afóra os que lograssem um desses empregos, o Estado asseguraria após dom annos de serviço, dos quaes pelo menos oito nas fileiras, um emprego de vengo

entos equivalentes ao do inferior, nos diversos serviços publicos, como sejam: telegrapho, correio e fazenda...»

A situação actual sob o ponto de vista dos sargentos gira em um estonteante círculo vicioso, que urge romper. As exigências do exercito á capacidade dos sargentos augmentaram em quantidade e qualidade; as vantagens immediatas e as garantias de futuro offerecidas pelo exercito são insufficientes para attrahir elementos bons; os que existem, salvo maléficas excepções, não estão na altura, assim ha falta. Em resumo: o problema dos sargentos do exercito não está revisto.

Importa adoptar um systema de medidas moralisadoras, que consultem «os interesses das duas partes: o do exercito — em obter bons sargentos; o dos sargentos — de obterem um digno meio de vida, mormente depois de prestarem por largo tempo seu serviço ao Exercito.

Esta é que é a equação do problema.

Em nestes termos que se ha de achar a sua solução correctá sob todos os pontos de vista: moral, technico e social. Quanto se afastar d'ahi é immoral e nocivo á instituição — o Exercito, portanto á Nação».

(D'«A Defeza Nacional» de 10 — 12 — 15, n. 26, pag. 67).

Em resumo, deixando de lado detalhes complementares, mais ou menos importantes: *escolas para os sargentos, preferencias dos sargentos de curso para as promoções, diaria para os sargentos de curso, nenhuma especie de emprego militar nomeação ou de concurso antes de cinco annos de fileira, direito exclusivo para todos os empregos de nomeação do Ministerio da Guerra, preferencia para nomeação em todos os cargos publicos mediante concurso, (lei de aproveitamento de empregos publicos), augmento gradual de vencimentos por periodos de tres annos (por exemplo) a contar de 5 annos de serviço, peculio para primeiro estabelecimento na vida civil áquelles que obtiveram emprego permanente.*

Da Província

Quando se falava em M. M. F. para instruir o nosso Exercito, a maioria dos officiaes, de todos os corpos, tinha um só pensamento, que era logo discutido com o ardor proprio do brasileiro: todos imaginavam que, além de outras vantagens, pelo menos viesse a ser uma realidade aquella que diz bem de perto com os recursos materiaes para a instrucção da tropa, suppondo o elemento *homem* prompto na Caserna e completo o quadro de officiaes.

Hoje, depois de decorrido um anno de Missão, só os officiaes do seio de Abrahão — Capital Federal — é que têm gosado os proventos de seus bellos ensinamentos; — pelo menos é a hypothese mais sympathica, que daqui podemos fazer — Mas o que vae pelo Norte e Sul é uma lastima; desta ultima parte de nosso paiz já tem esta Revista mostrado as feridas, que se vão tornando incuraveis pela demora do remedio apropriado (*).

Vamos hoje passar em revista as tropas do extremo norte. E' realmente uma desvantagem dos paizes grandes, a sua extraordinaria vastidão; ella os torna desconhecidos, não acontecendo o mesmo com os pequenos, como a França, por exemplo, cuja área approximadamente egual á de um de nossos Estados, Minas Geraes, e com boas e infinitas vias de communicações, é num instante percorrida.

Manaus é uma guarnição onde impera a Urucubaca da miudinha; um major que commanda o 27 B.am não póde ser promovido por merecimento, visto não poder ser graduado, quando chegar ao n.º 1 da escala — é um conselho de guerra em perspectiva, em face da nova lei; um capitão fiscalisa, um outro está na sua companhia, as demais são commandadas pelos tenentes que só existem tres. Em pelos tenentes que são em numero de tres. Em relação ao material e animaes, não se deve mexer: o batl. não poderá nem dar um passo para as manobras. A maioria dos officiaes do B.am acham-se

(*) N. da R. — O Norte também tem sido contemplado nesta secção. Si não mais frequentemente, á culpa não é nossa: é da desigual fertilidade em collaboradores...

em conselho de guerra uns, e outros em inqueritos e o proprio commandante preso pelo juiz federal — caso unico na historia militar. Quanto á instrucção, que é a razão de ser do soldado, nem se fale, ficará esperando os officiaes preparados pelas Escolas da M. M. F.

Belém. — Ahi estaciona o 26 B.am de Caçadores; o quartel conserva-se limpo, isto sómente devido ao zelo das administrações, porém suas accomodações são por demais estreitas e acanhadas; cada alojamento só comporta, de accordo com os principios hygienicos, 38 camas, no maximo. O B.am não está completo, e além disso dá dois destacamentos do Aurá e Oyapok que ultimamente foram reduzidos a 6 e 12 praças respectivamente. Existiam no principio do anno dez bons officiaes, porém os multiplos conselhos de guerra e inqueritos para a guarnição de Manaus e o tal do *sea permanente* para as praças de pret, reduziram o numero delles a um Capitão que commanda, outro que fiscalisa, um 2.º Tenente Secretario e Ajudante, ao mesmo tempo, e um 1.º Tenente que commanda as tres companhias. Admirem toda esta belleza no seu maximo de resplendor justamente no 2.º periodo de instrucção.

De animaes existem um cavallo inteiro e viciado e um muar que mal póde suste-se de pé.

Material nem se fale, agora é que pingaram as barracas.

Maranhão. — Ahi estaciona o 24 B.am que devia achar-se em Piauihy, ficou por engano geographico assim distribuido; as condições do B.am são as mesmas que as do 26; são irmãos gêmeos e os dois melhores da região.

Piauihy. — Ahi está o 25 B.am que é rigorosamente igual, em instrucção e material, ao 27 B.am

Eis ahi, em traços geraes, o que são as unidades pertencentes á região militar do extremo norte, cujo commandante tem incansavelmente se esforçado para melhor-a; cremos, porém, que ficarão todos estes esforços sem proveito, devido talvez á grande distancia do coração do Paiz. O Norte ficará sempre desprovido de tudo e esquecido de todos.

Do alistamento á concentração dos sorteados

O sorteio militar está concorrendo para a instrucção e educação de grande massa e por isso fornecendo grande contingente para a integração da Patria Brasileira pelo que não deve morrer, a menos que seja substituido por systema mais adequado.

Os que lhe prenunciam a morte, não dizem que a insufficiencia dos resultados é devida não só á ineducação civica dos cidadãos, como á execução imperfeita do alistamento e da concentração dos sorteados.

A preparação do sorteio é uma preparação melindrosissima que exige muito trabalho consciante do povo e dos agentes do Poder, e só agora a nação está deixando de tomar o factor trabalho como cousa de rethorica.

Quero dar minha achega em favor dessa lei, porque sou dos que entendem, que ella, de fortes aspectos onerosos para o povo, entretanto se vae impondo a milhões de brasileiros que lhe estão verificando innumerados beneficios derivados.

Sem duvida a ineducação civica tem lugar a que os influentes, os dominadores, os poderosos, se eximam do cumprimento do serviço militar, e em vez de reagirem contra o fraudamento da lei, procuram tambem burla-la. Os agentes do Poder Publico, do alistamento á incorporação de guerra é que devem ser os primeiros a anullal-a, pela acção ou pela omissão em guerra.

Precisamos concordar que a evolução será lenta, visto a mingua de instrucção e as grandissimas distancias, que geralmente encontramos muita dificuldade de percorrer. Esses factores são primordiais e emquanto actuarem como forças resistivas, serão retardadoras da effizienz do serviço e os resultados do sorteio serão incompletos. Não percamos, via, a fé no trabalho para a realização dos altos ideaes que nos orientam.

Na parte que toca ao alistamento, ao sorteio e concentração, a lei não entra em detalhes sufficientemente logicos, economicos e uteis, para evitar falhas a todo momento são enumeradas e desprestigiam e inutilisam a institui-

exame da questão mostra serem necessárias medidas da ordem seguinte, tendo de órgãos do Poder, que corroborem faltas sobre as quaes talvez mais exactamente a elles não competisse pronunciar, dadas outras circumstancias.

O chefe do recrutamento de um Estado depois de saber onde estão alistados cidadãos filhos de Estados differentes,etterá aos chefes do serviço dos mesmos relações nominaes com o municipio de alistamento, naturalidade, filiação (para a possivel identificação), e os citados chefes providenciarão a exclusão dos relacionados nos municipios onde nasceram, mas onde não tem, sendo feitas as devidas annotações para esclarecimento futuro.

Se evitará o duplo alistamento e serão as consequencias permanentes de supposições de insubmissos intuitivas.

Ser cada um sorteado no municipio e residir e incorporado á guarnição o obrigatorio mais curto. Impedirá proxima ou que tenha um percurso esse modo de agir, a despeza de transporte para o Estado Natal, e haja muito tempo perdido que minimo retarda a incorporação e educação, e grande formação de insubmissos-mortos e insubmissos-incorporados. Tem-se sabido de muitos que nascem em um Estado e para outro lugar moram e ahi falleceram, ou foram mortos e incorporados, sendo comtudo mortos na terra do nascimento, ahando a insubmissos. Os que morrem são de alistados, ou os alistados já mortos, sómente da acção civica dos cidadãos em geral ou da familia em particular se pôde esperar esclarecimentos não continuarem indevidamente alistados, sorteados e insubmissos. Não é necessário, um sorteado de brasileira residente no Rio de Janeiro, ir servir no Rio Grande, nem um extremo norte de Matto Grosso rodear o Brasil para ser incorporado em Cuyabá. A concentração dos sorteados deve prever o curto percurso para encontrar uma guarnição, que nem sempre coincide com a proxima do proprio Estado. O sorteado em um Estado e incorporado em outro, exige do Cdte. da Região ininterrupta comunicação ao da sorteado para os devidos effeitos.

c) Ser o individuo alistado onde estiver residindo e no municipio do nascimento.

Não se escapará do alistamento senão pela omissão da junta, não falando na da população. A comunicação da letra a), do chefe do recrutamento do Estado onde reside o alistado, obriga o municipio do nascimento a excluí-lo. Se depois de alistado em um municipio, o individuo passa para outro, é neste alistado, sendo excluido do anterior pelo chefe do recrutamento quando isso verificar. Dado o caso de passar para um 3.º Estado, o do nascimento receberá deste o communicado a), que também receberá anteriormente de um 2.º Nesta hypothese encaminhará a esta a informação daquelle. Também o do nascimento avisará da volta de um alistado, que incluído em outro Estado fôra excluído daquelle.

E' verdade que tudo isso exige um indice nominal perfeito, uma fiscalisação empregando todos os recursos legais e annotações constantes, e as necessarias comunicações mutuas com a maxima brevidade, a fim de não ficarem permanentes falhas de caracter transitorio (como o alistado e sorteado em dois lugares, que em um se incorpora e no outro passa a insubmisso).

Os chefes do serviço de recrutamento necessitarão, de facto, ser esteios de trabalho em ordem, para serem inestimaveis embaixadores da conscripção e do exercito.

Em 10 — 6 — 20.

1º Tenente Manoel Carlos

Palestra militar

Os Exercitos, como apparatus que são de defesa, como machinas com que as nações que os sustentam devem contar, para fazer-se respeitar, para garantir a sua integridade, a sua soberania — devem ter função regular e perfeita.

Ter uma Nação um Exercito e, num momento critico, não poder contar com esse Exercito, porque, na realidade, não é um Exercito, é uma illusão perigosa, uma incongruencia.

Da manutenção dos Exercitos é uma necessidade imperiosa e insophismavel, a garantia que offerecem á estabilidade interna e externa de uma nação, se assim é, não se meçam sacrificios a sustentar semelhantes instituições: a necessidade dos Exercitos, que apregôa por toda a parte, é uma mentira — no intuito de justificar as ossaes transacções commerciaes das naas de projectis, dos formidaveis arsenas de material bellico, o consumo, em, em larga escala, dos armamentos; e, neste caso, rompa-se com essa mentira, abra-se guerra aberta a essas conveniências mercantis — alimentadoras, ao que conclue, das luctas á mão armada, do terminio de homens nos campos de guerra, energias que se perdem, assim, supudamente, em prejuizo, é certo, das luctas de actividade das nações; do exminio das tradições artistico-historicos, da derrocada dos museus, dos monumentos; de um mundo, enfim, de homens de coisas; e acabe-se, de vez, com os exercitos.

Se os Exercitos são positivamente necessários, porque delles depende o equilibrio, sob todos os pontos de vista, da nacionalidade, e é natural que assim seja, por isso que as sociedades de hoje, não as de hontem e, certamente, como de amanhã, são, foram e hão de ser sempre constituídas de elementos heterogeneos por excellencia, de modo de ver de sentir diversos, tendentes, por isso mesmo, mais para a explosão das paixões que para refreal-as, então, dê-se-lhes verdadeira feição: poder, através do activo technico, intellectual e moral; poder, através dos recursos materiaes de da a ordem.

Exercitos sem a efficiencia trazida da technica militar apurada, praticada com os recursos multiplos com que vem contar, podem ser grandes nucleos de caudilhos arregimentados, sob uma bandeira que respeitam e veneram, mas sem forças regulares. O nosso Exercito, permittam-me os optimistas a franqueza, não se pôde ainda dizer um Exercito, na expressão legitima do termo, porque todos nós conhecemos e o Governo, certo, mais do que nós, a situação precaria em que elle ainda se encontra com respeito a material, principalmente.

Entrar em mais detalhes para demonstrar, á sociedade, essa desagradavel asserção, seria repetir, talvez em pura perda, o que a respeito tem dito e repisado «A Defeza Nacional», através de brilhantes artigos de distinctos officiaes, cheios de amor pela profissão, cheios de patriotismo, e a Imprensa livre; seria trazer á tona apreciações eloquentes e patrioticas do Sr. Dr. Calogeras, quando abordava com proficiencia, da tribuna da Camara dos Deputados, assumptos militares; seria avivar sentimentos, que convem continuem em vida latente, para evitar decepções maiores, de patriotas que desejariam ardentemente fôsse o Exercito Nacional o que deveria elle ser.

E isso poderia elle sel-o hoje, se, infelizmente, duas correntes entre nós, brasileiros, não se formassem: uma, apologeta da manutenção de um Exercito modelar, para a garantia da nossa nacionalidade; e outra contra, sob o falso e criminoso pretexto de que a confraternização dos povos — um facto talvez amanhã — seria a morte, fatal, dos armamentos. Do choque dessas duas opiniões — a primeira, filha legitima das aspirações nacionais; a outra, producto de concepções machiavelicas de anti-militaristas, origina-se, não uma nova acção, como seria natural, mas uma especie de duvida por parte daquelles que dispõem de recursos, ou para decidirem, de vez, que a Nação precisa de um Exercito dispondo de tudo o que define instituição de tal ordem ou para, de vez, acabarem com o que existe, a que se vai dando, por consolação, o nome de Exercito. Exercito, ao que se sabe, é um conjunto de homens unidos pela disciplina militar, inflexivel, mas intelligente e criteriosos, educados de sorte a saberem que o seu objectivo principal é prepararem-se para a defeza da Patria; é um conjunto de cidadãos-soldados, de cultura civil aprimorada, calculando, por isso mesmo, muito do que qualquer cidadão civil, as suas responsabilidades perante a Nação. Mas, para que nucleos de homens se formem sob esses principios, é mister, antes de tudo, que não se lhes neguem recursos materiaes para o seu conveniente adestramento technico e moral, aquelle expresso nos productos dos arsenaes, das uzinas, dos estabelecimentos de remonta, etc.; e o ultimo na instrução primaria, ministrada

por professores civis dentro dos quartéis, e no estímulo dos officiaes, estímulo que não pôde nascer daquelles recursos, os quaes, por sua vez, dão origem ao trabalho, cuja avaliação, feita com criterio de justiça, representando a recompensa do esforçado, o anima a proseguir na sua nobre missão de instruir e de educar.

Como machina que outra coisa não é o Exército, a sua função regular está na razão directa da função dos respectivos accessorios. Por exemplo: a tropa, propriamente dita, isto é, os homens inumbidos da resistencia e do ataque, da defensiva e offensiva, em uma palavra, os combatentes, avançam, recuam ou estacionam, emquanto que, garantindo-lhes a resistencia physica e mino-ando-lhes os pesados tributos das investidas heroicas ou das retiradas sublimes, do seu lado, acompanhando os seus passos para a gloria ou para a derrota, participando, igualmente, de uma e outra coisa, se vêem os serviços de intendencia e de saúde. São accessorios esses da grande machina, sem os quaes não pôde, absolutamente, haver Exército. E esses accessorios é forçoso que evoluam na razão directa da evolução da tropa, porque, se se exige progresso na arte de matar, na guerra, não se pôde conceber estacionarias a arte de curar e o serviço de abastecimento. Funcionando mal um desses serviços, o todo, fatalmente, resente-se. As nossas luctas intestinas dos ultimos tempos — Canudos e Contestado — podem attestar a importancia daquelles serviços, e ainda attestam mais, principalmente a decatombe de Canudos: que á deficiência e pessima organização do serviço de Saúde do Exército, deficiência que nos autoriza a affirmar, sem receio de contestação, que o Exército nunca teve e ainda não tem o Serviço de Saúde como é preciso, a despeito dos esforços que se tem empregado no sentido de conseguilo, se deve grandes baixas nas fileiras dos que pelearam — foram energias que desapareceram para sempre e que poderiam ter sido poupadas, se os projectis revolucionarios, assassinos, tivessem encontrado, como que para oppôr-se-lhes, os recursos sanitarios que na grande guerra, recente, estauraram vidas e mantiveram, pôde-se em affirmal-o, os effectivos nas linhas de fogo. A' tal ponto chegaram as providencias sanitarias militares tomadas no

decorrer da pugna gigantesca em que se empenhou, de uma só vez, quasi toda a Europa, que certo General prussiano, eminente, impressionado com as baixas que iam tendo as suas linhas, declarou num momento de reflexão: «Não tarda que o nosso Corpo de Saúde consiga fazer regressar ás suas posições os homens feridos». E ao descuido a que tem sido atirado o serviço de abastecimento do Exército, principalmente em campanha, se deve, igualmente, prejuizos de vidas, lamentaveis, e demora na decisão das pelepas.

De facto, que poderá fazer o soldado, por mais nitida que tenha a comprehensão do dever, se o seu organismo se sente debilitado pela deficiência e irregularidade da alimentação, senão pela falta absoluta della, como por vezes succedeu em Canudos? Que poderá fazer o soldado em operação de guerra, senão retardar essas operações, accarretando isto, muitas vezes, prejuizos sensiveis de tactica e estrategia, e, quiçá, de centenas de vidas, pela demora na expedição de archaicos comboios de munições e viveres, arranjados com certa difficuldade e á ultima hora?

Que prodigios poderão fazer os recursos sanitarios applicados a um ferido, se o mal maior deste, muitas vezes, não é o ferimento, mas a sua depressão organica, que a deficiência e irregularidade da alimentação, aggravada com a sua pessima qualidade, através de grandes periodos, lhe produziu?

D'ahi, facilmente, se conclue que os dois serviços, de Saúde e Intendencia, estão tão intimamente ligados, como ambos á tropa, que funcionando mal qualquer delles, o todo que é o Exército não pôde deixar de soffrer profundas perturbações no seu funcionamento. E' essa uma verdade tão palpitante que os verdadeiros chefes militares, soldados por tendencia, soldados de raça, ao mesmo tempo que provocam a evolução da tropa, isto é, a sua instrucção tecnica e o seu aperfeiçoamento moral, forçando, está claro, os poucos recursos de que dispõem, se interessam, vivamente, pelos respectivos serviços auxiliares, procurando dotal-os de alguma coisa que lembre a sua existencia real.

Ao mesmo tempo que se interessam pelo progresso da tropa, acompanhando de perto esse progresso e animando-o com o

estímulo que sabem bem distribuir, não se descuidam dos serviços de saúde e assistência, os quaes vão apparelhando de maneira a poderem desempenhar o seu verdadeiro papel, ao menos no tempo de paz.

Se se cuida, a sério, de apparelhar o exercito, como talvez venha agora a acontecer, em face da acção que vaé tendo o actual Ministro da Guerra, cuja aptidão para trabalho de tal relevancia, affirma-se, inconteste; cuja energia, por vezes demonstrada na sua brilhante vida politica, fatalmente, influirá no animo daquelles que se têm mostrado contrarios, systematicos, a qualquer reforma que possa melhorar, em beneficio do Brasil, a situação das classes armadas, então, façamos trabalho perfeito, embora modesto. Para isto, é bastante que se tenha em vista que Exército é a tropa e os serviços auxiliares, e ainda mais: os arsenaes para o fabrico dos seus fuzis e dos seus canhões; as uzinas de projectis e, emquanto não tivermos industria particular de aço e ferro, as uzinas desses elementos; as fabricas de explosivos; os estabelecimentos de remonta; arsenaes, uzinas e estabelecimentos, tudo isto, com o respectivo pessoal tecnico recrutado do proprio Exército, de entre aquelles, de preferencia, que tenham dado provas de tendencia para essas especialidades, e instruidos, convenientemente, antes, onde melhor convenha ao Governô. Apparelhar o Exército, sem cogitar-se desses recursos com vontade manifesta de adoptal-os, resultará que ficaremos na mesma situação em que nos encontramos — subordinados ao estrangeiro, desde o fabrico dos botões para os nossos uniformes ao algodão purificado e á pyrite beneficiada para a nossa polvora de guerra.

Se, porém, sente o Paiz que as suas condições financeiras no momento não lhe permitem enfrentar responsabilidade tão grande, então, adoptemos, como o têm feito, com resultado, outras nações, na faina de se tornarem independentes, este alvitre que, afinal, fere o objectivo desejado: animem os Poderes Publicos a iniciativa particular, mediante concessões razoaveis, á semelhança do que acabam de fazer com a empresa siderurgica de Faghuar; instituam, mesmo, premios convidativos áquelles que installarem no nosso territorio officinas que produzam

artigos que interessem á Defesa Nacional, e havemos de ver que, muito breve, estará a Nação, nesse particular, emancipada do estrangeiro. De um fórnio ou de outra, attingido o fim, garantida, porém, a formação, indispensavel, dos nossos technicos, é quando poderemos proclamar orgulhosos que temos Exército, porque será, precisamente, nessa situação que havemos de tel-o, nosso, muito nosso.

A tendencia para se ter um Exército bem apparelhado, capaz do desempenho de sua verdadeira missão, existe. O Marechal Hermes da Fonseca, inquestionavelmente soldado de mérito e patriota impecavel, neguem-n'ô, embora, os seus inimigos gratuitos, foi o primeiro, ao que sei, que fez, quando Ministro da Guerra, despertar bem alto no espirito nacional a idéia da necessidade da cultura civica, por meio das instituições militares, por elle creadas, chamadas linhas de tiro, que hoje se espalham por todo o territorio nacional.

Chegaram mesmo a surpreender o Marechal, bem no inicio ainda dessa sua obra de grande mérito, indícios bem accentuados da acceitação que foi elle tendo, a despeito da guerra, em sua vida, que contra ella moviam os impatriotas, sob a falsa denominação de anti-militaristas. Houve um momento, mais tarde, em que a alma da mocidade, comprehendendo melhor, ou antes, dando o verdadeiro valor ás intenções do Marechal, e não prestando ouvidos aos rumores daquelles impatriotas que, a todo transe, queriam prevenir a Nação contra o Exército, fazendo constar que os militares caminhavam para a formação de uma casta que seria um perigo para a liberdade civil, vibrou, delirou, na Capital da Republica, como se tivesse despertado da indifferença, prejudicial, certo, ao futuro do Paiz, a que atram por ignorancia, a cultura do civismo. Nada mais justo e mais bello do que a gratidão nacional ao reconhecer o valor de uma idéia, tornada facta, realmente meritoria, como essa de educar a Nação no civismo, porque é o civismo que desperta as iniciativas; é o civismo que faz evoluir a Nação; é o civismo que fórnio o caracter de um povo. Preparou, pois, o Marechal

mes a educação civica brasileira, e pois surgiu Bilac, como continuador da monumental do Marechal, a espalhar toda a parte, desde as grandes capitais ao sertão, em verso e em prosa, avéz de conferencias e artigos pela imprensa, o amor pela Patria; a ensinar, com mais clareza, como se deveria praticar o civismo; a repetir, com mais elocuencia, o que vinha a ser civismo e o que elle poderia produzir. Completou, assim, o grande poeta e prosador sublime, o trabalho immensuravel do Marechal. De modo que, instruida, embora lentamente, no civismo a Nação Brasileira, graças ás lições de um soldado, adaptadas ás fórmias bellissimas que só o poeta-prosador, como Bilac, poderia dar, não pôde ser ella hoje indifferente nem contraria aos Exercitos, porque ella bem sabe hoje o que ignorava ontem: que são os Exercitos o ponto de apoio das nações que aspiram subir, e progredir, evoluir.

Alimentarmos a esperança de uma fuzão dos povos, de maneira que, futuramente, só povo se encontre na face da terra, não, apenas, por um Poder moral, é ballar-nos numa esperança pueril, porque jamais a indole do homem se modificará a ponto de podermos ter uma sociedade sem os defeitos da actual, dispensando a cooperação de um Poder material, com a função de prever e punir. Admittindo-se mesmo a hypothese, esta mais accetavel, de podermos ter, algum dia, uma sociedade sã, em que o direito publico e privado sejam rigorosamente respeitados, a coacção, com a mesma naturalidade com que o individuo normal procura atender ás suas necessidades essenciaes, não é o caso de se julgar já é tempo de se ir enfraquecendo o Poder militar das nações, simplesmente porque não é a esperança de uma realidade num futuro remoto e problematico, que deve resolver casos urgentes e metódicos no presente.

Uma asserção não receio fazer e vem a ser: Enquanto as sociedades forem o que são e o que têm sido: avidas de progresso sómente material; presas de paixões desmedidas, terribles, cada vez mais, para o superlativo; eivadas de

egoismo que, dia a dia, mais se expande; os Poderes moraes, por si sós, não bastam para prevenir explosões ou dominâncias. Precisam esses poderes de um outro a quem confirmem essas funções especiaes, e esse outro poder não é senão o Poder militar, cuja manutenção se impõe para a tranquillidade, senão absoluta, ao menos relativa dos Povos, das Sociedades, hoje e sempre.

1º Tte. Pharmaceutico *Samuel Ramos*.

Thema tactico e jogo da guerra

O thema tactico é uma operação militar a resolver de accordo com os principios da arte da guerra, geralmente os consubstanciados nos regulamentos militares.

Podrá ser resolvido no terreno, com tropas reaes ou figuradas, ou simplesmente na carta, adoptando-se ou não symbolos representativos das tropas e serviços.

As operações militares, no dominio da tactica, comportando um conjuncto variado de situações, taes como — marchas, estacionamentos e combates — de tropas de uma ou mais armas, occupações e organizações de accidentes de terreno, construcções e destruições de obras, aprovisionamentos, transportes, serviços de saude, etc., segue-se que o thema tactico poderá versar sobre cada uma dessas operações em separado ou sobre algumas ou todas combinadas.

Para resolver o thema, seja qual fór o assumpto considerado, bastará applicar as prescripções correspondentes consignadas nos regulamentos, mesmo porque um dos objectivos da resolução dos themas é exactamente familiarisar os officiaes com aquellas prescripções, cujo estudo, pela simples leitura dos regulamentos, seria fastidioso.

A resolução dos themas tacticos servirá para desenvolver gradativamente no official o — espirito de decisão — preparando-o para o desempenho facil de sua missão.

E' resolvendo primeiramente themas, diz Litzmann, que se adquirirá melhor base para os outros exercicios tacticos.

RESOLVER um thema é passar de uma *situação* dada a uma *decisão* decorrente dessa situação, baseada nos principios consagrados pelos regulamentos militares e traduzida por uma **ORDEM**.

A *ordem* é a expressão da vontade do chefe.

A resolução de um thema, isto é, a apreciação de uma situação e a procura dos meios de resolvê-la, constitue o acto elementar do commando e representa um trabalho dos mais importantes.

A operação comporta um termo inicial — que é a situação — e um termo final — que será a decisão — o problema consistindo em passar de um para outro.

A situação se caracteriza por 3 elementos, que são:

- 1.º — A missão a cumprir ou o fim a atingir.
- 2.º — A situação do adversario.
- 3.º — A situação propria.

A *missão* a cumprir ou o fim a atingir será a realisação de uma dada operação militar. Tal operação terá de ser, portanto, realisada de accordo com as prescrições regulamentares a respeito, desde que se trata de um exercicio de acção simples. Nos regulamentos, pois, teremos o modo de realisá-la.

A *situação do adversario* será dada, em linhas geraes, pela ordem recebida, mas será preciso impellir para a frente os elementos de exploração necessarios á liberdade de acção do commando e segurança da tropa, afim de garantir-se o cumprimento final da missão.

A *situação propria* será conhecida, visto como o commando terá sempre o dever de inspecionar e esclarecer-se quanto possivel, verificando as condições de suas tropas e as do meio em que se encontra.

A *decisão* se caracterizará tambem por 3 elementos:

- 1.º — A natureza da operação (offensiva ou defensiva).
- 2.º — O espaço a utilizar.
- 3.º — A repartição das tropas.

A *natureza da operação* decorrerá da missão e será determinada de accordo tambem com os regulamentos e principios tacticos applicaveis.

A *offensiva* se caracterizará pela intenção de avançar contra o adversario. Visará, em ultima analyse, a conquista do espaço occupado por elle. Compreenderá, no geral, o reconhecimento, a preparação e a execução.

A *defensiva* se caracterizará pela intenção de oppôr uma resistencia á vontade do adversario. Visará, em ultima analyse, a conquista do tempo. Compreenderá, no geral, a resistencia e a contra-offensiva.

Quando a contra-offensiva se realizar antes do adversario abordar a posição tomará o nome de — contra-ataque. Quando se realizar depois do inimigo occupar a posição, tomará o nome de — retorno offensivo.

E' na judiciosa combinação dessas duas formas de acção (offensiva e defensiva) que o commando procurará, no combate, o aniquilamento do adversario.

O *espaço a utilizar* decorrerá da urgencia da operação, natureza do terreno, etc.

A *repartição das tropas* dependerá da maior ou menor distancia do adversario, d'onde a predominancia das condições de conforto ou das condições de segurança. Dependerá ainda da natureza das tropas, condições atmosphericas, natureza do terreno, estradas, etc.

A decisão terá como BASES as indicações recebidas do commando superior e as mandadas obter pelo serviço de exploração.

O estudo e a resolução do thema tactico permitem que se assimilem necessivamente:

1.º — a **DOCTRINA**, isto é, o conjunto de principios fundamentaes que repousam sobre as bases indiscutíveis da *pratica* e do *bom-senso* e devem presidir a todos os regulamentos militares. Tais principios são poucos, simples e logicos.

2.º — o **METHODO**, que deverá ter por fim: enquadrar o raciocinio, baseado sobre a doutrina, entre directivas amplas e isentas de regras estreitas e do schema, fazer resaltar no espirito uma solução *simples*, conforme o raciocinio deductivo seguido, e, portanto, de accordo com a doutrina; finalmente, permittir a *deducção clara e precisa* da decisão, tomada em uma **ORDEM** curta e principalmente exequivel.

Para a resolução do thema tactico, o executante deverá encontrar directamente os elementos de que precisa nos regulamentos militares e muito principalmente o de campanha.

Esses regulamentos deverão assentar bases necessarias para as marchas, estacionamento e o combate das tropas para o funcionamento efficiente dos serviços, de modo que será só applical-os com intelligencia e propriedade.

O JOGO DA GUERRA — é a execução, sobre a carta, de operações militares levadas a effeito por dois partidos opostos.

Seu fim principal é exercitar os executantes na comprehensão e applicação dos principios da guerra, consubstanciando apenas implicitamente nos regulamentos militares e decorrentes da pratica da experiencia, dando logar á revelação dos attributos pessoaes dos executantes.

É um exercicio intellectual que visa ao desenvolvimento dos methodos necessarios á direcção das tropas nos varios casos de uma campanha, permittindo officiaes uma aprendizagem altamente á sua função.

Para isso, basta que as operações realizadas na carta o sejam como se fossem caso real e no terreno e que cada official procure, com o maximo empenho, educar o seu espirito de tal fórma que elle se torne apto a apprehender facilmente e sem esforço a solução racional dos varios casos concretos que possam apresentar na guerra.

O jogo da guerra mais não é do que a conjugação de themas simples, relacionados entre si e dando margem ao apparecimento de outros tantos themas decorrentes da conducta dos dois partidos.

No jogo da guerra os regulamentos militares já não poderão ser applicados só da lettra, porque esse genero de exercicio exige um mais amplo descortimento de vistas e as reacções que se apre-
tam são em maior numero, os regulamentos não podendo prever todos os

Na resolução do thema tactico, as reacções são simplesmente passivas: são as

que decorrem do effectivo das tropas e da natureza do terreno, geralmente. No jogo da guerra, além de taes reacções, apparecem ainda outras, activas, e que serão aquellas que legitimamente o adversario creará para difficultar a acção do antagonista.

Nessas condições, o jogo da guerra não poderá enquadrar-se rigidamente nos estreitos limites dos regulamentos. Enquadrar-se-ha entre limites mais amplos — os da doutrina, os dos principios da guerra, implicitamente, aliás, contidos naquelles regulamentos.

ESPECIES — As operações militares podendo ser estrategicas ou tacticas, segue-se que haverá duas especies de jogo da guerra — o strategico e o tactico.

O primeiro será um exercicio sobre a carta levado a effeito por 2 partidos, pelo menos, tendo por objectivo o preparo e a impulsão das tropas para o theatro de operações, predispondo-as na ordem de batalha concebida e no ponto ou zona em que o commando em chefe tenha de assumir suas funções. Exigirá uma série complexa de operações preliminares, desde a mobilisação até a concentração das tropas com todos os seus serviços.

Será do dominio especial do Estado-Maior, visando o preparo para o alto commando e seus órgãos auxiliares.

O segundo, mais restricto, baseado exclusivamente nos principios militares, será a realisação de uma dada operação entre dois partidos, pelo menos, que se procuram ou se defrontam para a lucta, travando-a tambem na carta.

Nós repellimos a noção de jogo da guerra *no terreno*, por entendermos que o que exactamente caracteriza o jogo da guerra é o facto de ser feito na carta. No terreno haverá, em nossa humilde opinião, exercicios ou manobras de quadros ou de tropas, estas sendo reaes ou figuradas.

Capitão Nilo Val

Art. 7.º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

O que traz de novo o R. I. S. G. 1920

V.

(Conclusão)

Parte de doente. — A parte é dada ao superior immediato, verbal ou escripta. Caso acompanhada de atestado medico não precisa o corpo mandar examinar o official ou aspirante (art. 408).

A apresentação do doente por conclusão de licença se faz no dia seguinte, no ponto onde estaciona sua unidade (art. 411).

No caso de urgencia da mudança de clima para fóra da região, o cdte. do corpo *deverá* permittir-lhe immediatamente (412). A 1.^a edição dizia: *poderá*.

No art. 414 — baixa ao hospital obrigatoria para o official que dêr parte de doente quando escalado para um serviço — foi acrescentado: «Do mesmo modo procederá o cdte. da região ou circumscripção para com os cdtes. de corpos.»

Das festas militares. — Acrescentada uma «Observação. — As festas militares devem ter como nota de destaque a sobriedade na comida e na bebida, evitando exageros sempre nocivos, dispendiosos, e incompatíveis com a justa applicação dos recursos da unidade. Importa realçar as lições de educação ministradas, no qual, e, pelo exemplo de sua applicação, e dentre as virtudes necessarias ao soldado como ao civil a abstinencia do alcool é das mais beneficas.»

Regulamento disciplinar. — Os antigos 66 itens do art. 421 foram reduzidos a 38, graças á reunião de assumptos semelhantes no mesmo item. Nenhum dos antigos casos especificados foi suprimido, alguns casos novos, ao contrario, foram incluidos.

Do art. 422 foi acrescentado: «No mesmo artigo do boletim que publicar o castigo a autoridade especificará os pontos do R. I. S. G. infringidos e as attenuantes ou aggravantes.»

No art. 426 foi incluida como modalidade da reprehensão ao official a que se applique no circulo dos officiaes (§ unico). Era realmente requisito que, podendo um official ser reprehendido em boletim, por conseguinte, com o conhecimento de todo o corpo, não o pudesse ser no circulo dos officiaes.

No art. 429, § 1.^o foi acrescentado: «Para os officiaes o logar da prisão, quando esta não exceder de 48 horas, pôde ser sua residencia.»

No art. 431 foi introduzida como regra geral, invertendo a que existia, que o official ou aspirante preso continúa no exercicio de suas funções, *salvo ordem expressa em contrario*.

Ficou assim uniforme com o que já era prescripto para campanha (art. 433).

O art. 434 define o *rebaixamento por castigo*, e o distingue do que ocorre por *falta de vaga*.

O antigo § unico foi incorporado ao proprio art. e alterado: só o rebaixamento definitivo impõe a transferencia de corpo, e este compete ao chefe immediatamente superior áquelle que impoz esse castigo. O rebaixamento temporario por castigo não acarreta transferencia, não abre vaga e não soffre prolongamento se na sua intercorrença o rebaixado fôr transferido de corpo e ali não achar vaga.

O art. 435 altera as regras sobre rebaixamento definitivo de sargentos.

O art. 437, relativo á *baixa por incapacidade moral*, equipara os alumnos da Escola Militar aos aspirantes a official. Desastrosamente foi suprimida no n.^o 2 a exigencia de que para applicação dessa gravissima pena o cdte. do corpo julgasse o paciente incorrigível.

Isso era e é ponto capital: repugna aos mais indifferentes pela justiça que se applique semelhante degradação a todos aquelles que ao espaço de doze mezes ou em menos tempo commetterem seis ou mais transgressões disciplinaes, sendo tres dellas, pelo menos, punidas com prisão... Taes sejam as transgressões. Por outro lado, *tambem taes sejam as transgressões*, a mesma pena poderia ser merecidissima antes de ser completada aquella conta.

Regras a observar na applicação das penas. — No art. 444 a) foi acrescentado, como primeiro grão, a reprehensão; idem na letra b) na letra d) estabelece-se como *castigo unico* o rebaixamento definitivo e que a pena accessoria do rebaixamento temporario pôde variar entre o numero de dias da prisão e seu dobro.

No art. 445 estabelece-se agora a obrigatoriedade para a autoridade que deva applicar uma punição — ouvir o accusado.

O art. 449 ficou assim completado:

«Nenhum transgressor da disciplina será interrogado ou castigado em estado de embriaguez; haverá, porém, immediatamente prisão preventiva.»

Da competencia para applicação das penas.

— Os cdtes. de companhia, esquadraõ ou bateria podem tambem applicar as suas penas de prisão em commun, até 8 dias (art. 454 b).

(O art. 454 com suas letras a e b constituiriam melhor um § 2.^o do art. 453, e os §§ 1.^o, 2.^o e 3.^o do art. 454 constituiriam um outro art.: 454, § 1.^o e § 2.^o).

Apparece novo o § 3.^o do art. 454:

«A applicação e publicação das penas de que tratam este artigo e o anterior pela autoridade que as impoz não ficam á espera de approvação e publicação pela autoridade superior a quem devam ser comunicadas.»

O art. 458 está mais categorico, descentralis e educa: *sómente* quando a transgressão disciplinar exigir castigo superior aos que possa impôr uma autoridade é que esta mandará a parte ao chefe immediatamente superior.

Pelo art. 460 a contagem do tempo de castigo é feita pela hora que o boletim publicar (isto é pela hora em que o boletim fôr publicado). Para isso menciona-se na comunicação á autoridade superior a hora a partir da qual foi imposto o castigo.

Tal disposição allia a vantagem capital de permittir a sancção disciplinar immediata, á moralidade de não ser a duração real do castigo maior que a nominal.

O art. 464 não cogita só de averiguação de abusos nos castigos, mas tambem nos elogios.

O ex-465 passa a § unico do 464. O ex-466 foi suprimido, porque era, em parte, uma duplicata.

Dos conselhos de disciplina. — Referem-se tambem os alumnos da Escola Militar, *ex-vi* do R. E. M.

Combinando os arts. 437 item 1 e os arts. 471, pag. 309, e 480, vê-se que o conselho de disciplina para sargento pôde no maximo concluir pelo rebaixamento definitivo; mesm

... não resulte esse julgamento, no caso de incidência em transgressões previstas será aplicada a expulsão sem mais formalidades (480).

Desappareceu o formulario do Conselho de disciplina: «O formulario obedecerá ao dos conselhos de investigação, com as necessarias alterações» (art. 476).

Capitão Kilger.

Orientação pelas Constellações do Sul

(Os processos abaixo estudados me foram ensinados pelo illustrado amigo e mestre Cap. Bordin).

É de todos sabido que as estrellas se movem uniformemente com a esphera celeste, em torno do eixo desta esphera. Ninguém ignora tambem que ellas descrevem, em seu movimento, circumferencias paralelas ao equador. Assim, algumas entre as que se chamam estrellas variáveis, observadas pouco acima do horizonte, elevam-se gradualmente até o meridiano do logar, onde attingem a sua máxima altura, para em seguida descerem e desaparecerem no occidente, proseguindo, *ad eternum*, na immutabilidade de suas leis.

Para que fique bem esclarecido o assumpto que nos preoccupa, vejamos como as observações oriundas de um determinado individuo que, de logares diferentes, procurasse vêr o céu.

Imaginemos, a principio, sobre o equador terrestre; nessa situação, o seu horizonte coincidirá com um meridiano, e qual cortará ao meio as circumferencias descriptas por todas as estrellas; os planos de taes circumferencias serão perpendiculares ao horizonte do observador, e a qual as estrellas se manterão no mesmo espaço de doze horas.

Figuremos-o agora sobre um dos polos da terra; é incontestavel que o seu horizonte, nesse momento, confundir-se-ia com o equador, e como as circumferencias descriptas por todas as estrellas são paralelas ao horizonte, segue-se que ellas estarão ou sempre abaixo ou sempre acima deste.

Estabeleçamos, por fim, a hypothese que o observador caminhe do equador para um dos polos, polo sul, por exemplo. É intuitivo que este caso nos interessa muito de perto, dadas as posições de nosso paiz e generalidade dos limites limitrophes em relação ao equador,

— todos elles de latitude meridional. Em face da supposição feita, é claro que a medida que o observador se mova na direcção do polo o seu horizonte girará em torno da intersecção deste com o equador, de modo que a parte dos paralelos descriptos pelas estrellas, que fica acima do horizonte, irá diminuindo si a estrella fôr do norte e augmentando si ella fôr do sul. É evidente que esta diminuição e este accrescimento serão tanto maiores quanto mais proximas se acharem dos polos as estrellas.

Desse modo, para o observador collocado entre o equador e o polo sul, algumas estrellas do norte terão seus paralelos abaixo do horizonte, — e não serão visiveis; algumas do sul, terão seus paralelos acima do horizonte; serão visiveis desde que as condições atmosphéricas e de luz o permittam. As que se acharem situadas sobre o equador (celeste), terão seus paralelos divididos ao meio pelo horizonte: serão visiveis durante doze horas e invisiveis durante as outras doze; as demais estrellas do sul serão visiveis por tanto mais tempo quanto mais approximadas do polo sul e, ás do norte, por tanto menos tempo quanto mais proximas do polo norte.

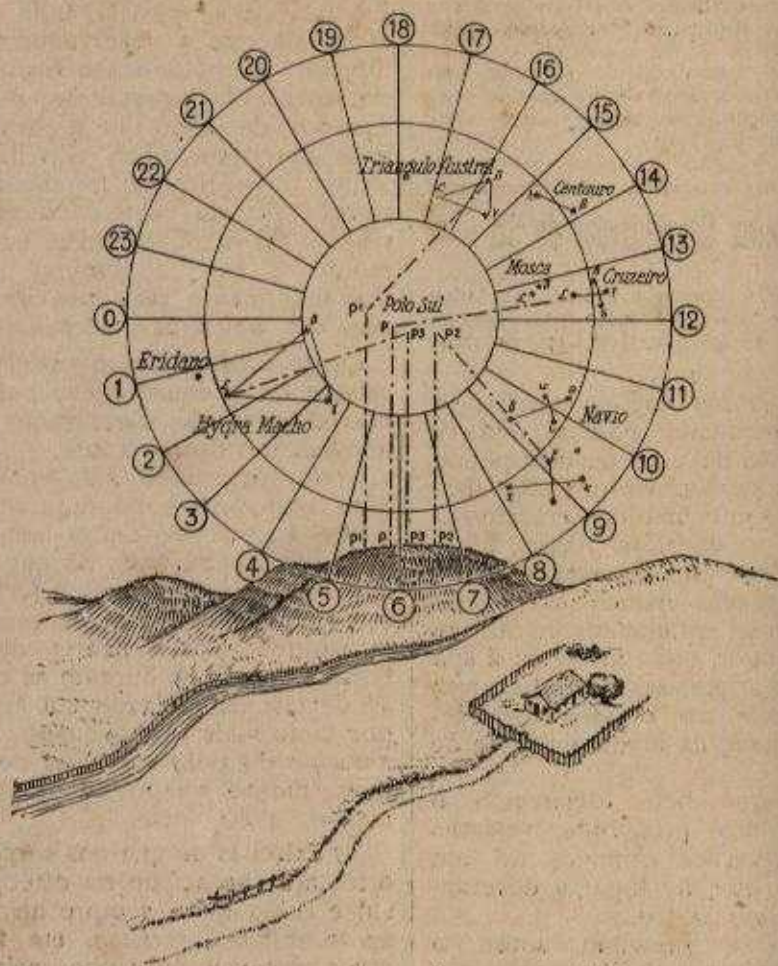
As estrellas de que nos serviremos para orientação se acham na direcção do polo sul e estão quasi sempre acima do horizonte. Ellas descrevem em torno desse polo pequenas circumferencias que, segundo a latitude local, ora ficam totalmente acima do horizonte, ora lhe são tangentes, ora secantes, e isso faz com que sejam para nós quasi sempre visiveis.

Entre as constellações do sul destacamos para a realisação do nosso objectivo as seguintes:

- a) Cruzeiro do Sul;
- b) Triangulo austral;
- c) Navio;
- d) Hydra Macho.

Ao nosso vêr, o instructor deverá iniciar o seu trabalho, mostrando no céu, por algumas noites successivas — e só mostrando — as constellações acima indicadas até que os instruendos se habituem a reconhecer-as num relance.

É conveniente tambem fazer observações em horas diferentes da noite e mostrar-lhes as mudanças de posição dessas constellações, obrigando-os por



uma proveitosa analyse comparativa a fixal-as na memoria.

E' tambem de utilidade indagar, com elles, dos movimentos que essas constellações executaram na passagem de uma outra posição.

Conhecido o grupo de estrellas que constitue uma constellação, o instructor chamará a attenção para a fórma a figura que ella nos offerece, frizando essa fórma invariavel, por isso que as estrellas, em cada constellação, conservam o mesmo logar umas em relação as outras.

Tendo em vista a diversidade de seu brilho, indicar-lhes-á o modo de designal-as e exigirá que os alumnos as conheçam de accordo com essa designação.

Um meio pratico de mostrar ao alumno uma estrella qualquer, consiste em fazel-o apontar o fusil para essa estrella; máo

grado os senões da visada, tanto mais imperfeita quanto mais escura fôr a noite, esse recurso é seguro.

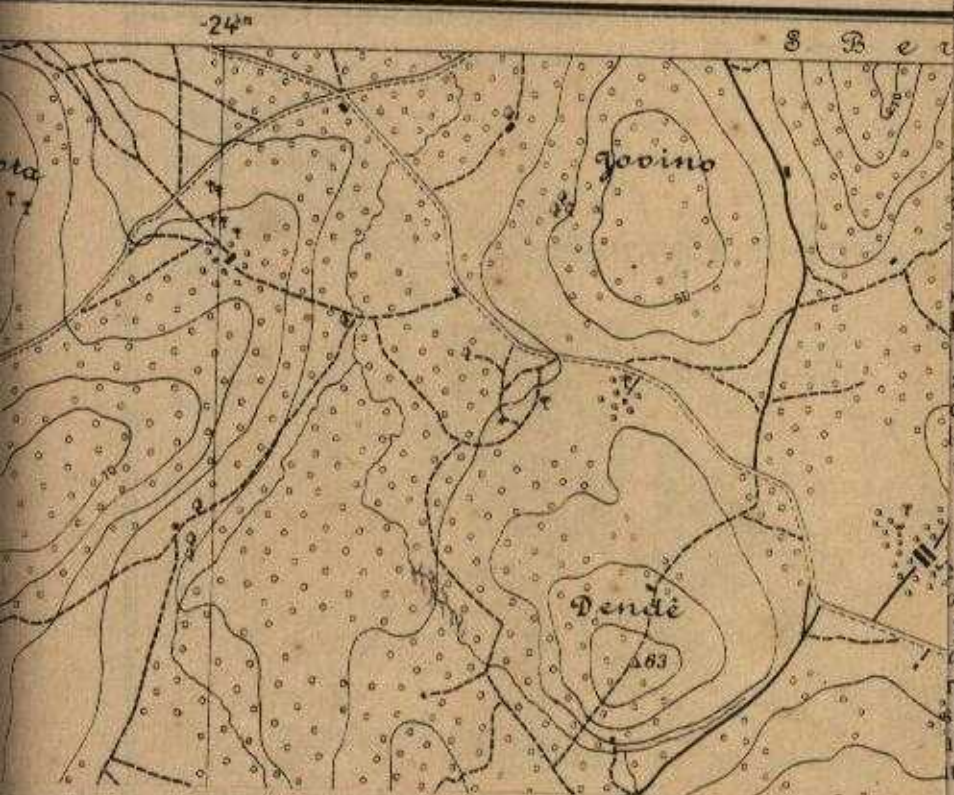
Depois de tudo isso, quando o instructor se possuir da certeza que o alumno tem o *senso do céu*, dará então inicio aos trabalhos de orientação.

Orientação pelo Cruzeiro — Imaginemos uma linha recta unindo as estrellas *alpha* e *gamma* desta constellação; prolonguemos essa linha indefinidamente e, sobre esse prolongamento, appliquemos cinco vezes o comprimento *alpha-gama*; a extremidade da recta assim limitada no sentido em que fôr feita a applicação, dar-nos-á o *polo sul*. O traço da perpendicular baixada desse ponto sobre o horizonte será o *ponto sul*.

Orientação pelo triangulo austral — Tiraremos a mediana desse triangulo a partir do vertice *beta* e prolonguemol-a indefini-

mente. Sobre esse prolongamento su-

O meio soldo — a unica parte com que dos seus atado por rs., mas e serviço. s. E' justo as possibi- processo de fazer o amparo



tá organi- al ao Es- uma ex-

r prejuizo nstituiu-se la e com ra o The- am rece:ta cem siquer aeraes, está se conven-

é, funda- o montepio. possa ser aração fir- mo tivesse s dinheiros alisado, im- ulada. Não

cisa iniciar- as respon- gestão im- star o Go- o modico o do mon- im compro-

continuará tas actuaes. que a des- começará já o passo que militar que ederal, com er as mais e fiscalisa-

emo não pensarão que garantem a fami- de um tenente com o montepio de 25000 rs., nem tão pouco a de um capi- to com um montepio de 100000 rs....

sem concedido projecto lembra, com oportunidade, a maneira pela qual o Estado pôde ser util aos seus servidores sem comprometter-se, sem reduzir suas possibilidades financeiras. Dessa bondade

mente. Sobre esse prolongamento surprehendemos quatro vezes a mediana. Assim determinado o polo sul e por uma perpendicular á linha do horizonte, temos analogamente o ponto sul.

Orientação pela Hydra-Macho — A partir de *alpha Hydra*, tiremos a mediana do triangulo *alpha-beta-gama*; prolongando-se essa mediana e applicando sobre esse prolongamento, uma vez o seu comprimento, teremos o polo sul e, consequentemente, o ponto sul.

Orientação pelo navio — Unindo *alpha beta* Navio e applicando sobre o prolongamento da linha assim obtida, duas vezes a distancia *alpha-beta*, teremos o polo sul e, semelhantemente aos casos anteriores, o ponto sul.

Não é demais repetir que a pratica dos processos, que vimos de indicar, nenhuma difficuldade offerece quando se tem adquirido o habito de bem distinguir constellações por elles utilizadas. Ao mais, o instructor habil e estudioso, encontrará sempre nesse fertilissimo sumpto, motivos que fascinem e prendam a attenção de seus homens, ao mesmo tempo que os educam.

1º Tte. De Moraes.

Montepio Militar

Precedido de uma bem elaborada justificação e acompanhado de uma demonstração intelligente, surgiu no Senado Federal um projecto dando nova feição ao montepio militar. E' seu autor o Ex.mo sr. Marechal Pires Ferreira, o mesmo quem o Exercito deve a actual lei de encimentos, a seu tempo um grande serviço prestado ás classes armadas.

O projecto sobre o montepio militar tem por objecto resolver uma das maiores e mais graves difficuldades creadas para os militares e, por isso, torna-se de grande interesse nacional.

De todas as classes, a militar é, sem duvida, a mais tolhida no exercicio de suas funções collateraes, na occupação das horas de tempo, bem pequenas aliás, para organizar um peculio capaz de abrigar a familia das *mais elementares necessidades*.

Certamente os legisladores e o Governo não pensarão que garantem a familia de um tenente com o montepio de 60\$000 rs., nem tão pouco a de um capitão com um montepio de 100\$000 rs....

O meio soldo — a unica parte com que o Estado assiste ás familias dos seus servidores militares, é representado por outros 60\$000 rs. ou 100\$000 rs., mas isto só depois de 25 annos de serviço.

Dessa assistencia não fallemos. E' justo que o Estado não passe das suas possibilidades, quando mediante outro processo elle tenha em mãos o meio de fazer que o proprio official prepare o amparo de sua familia.

O montepio militar como está organizado é indirectamente prejudicial ao Estado, ao mesmo tempo que é uma exploração feita ao official.

E' carissimo; não pôde dar prejuizo directo e absoluto, mas constituiu-se em uma instituição atrophada e com pretensão a *fonte de renda* para o Thesouro. Suas arrecadações formam receita geral, seus depositos não merecem sequer o modico juro das apolices federaes, está votado á decadencia e disso já se convenceram os seus gestores.

O que o projecto estabelece é, fundamentalmente, a *emancipação do montepio*.

E' natural que ella não possa ser feita unicamente com a *declaração* firmada em decreto. Si o Governo tivesse estabelecido um juro para os dinheiros do montepio e o tivesse capitalizado, importante seria a somma accumulada. Não o fez? De quem é a culpa?

A emancipação desejada precisa iniciarse com um patrimonio e sem as responsabilidades oriundas de uma gestão imprudente e erronea. Empréstar o Governo um capital inicial com o modico juro de 3 % para a formação do montepio militar — é satisfazer um compromisso — sem onus.

Pelo projecto, o Governo continuará com os encargos dos pensionistas actuaes. A grande vantagem está em que a despesa federal nesse instituto começará já a decrescer, até extinguir-se, ao passo que florescerá o novo montepio militar que será um verdadeiro *banco federal*, com o qual o Estado pôde manter as mais amplas relações commerciaes e fiscalisadoras.

O bem concebido projecto lembra, com oportunidade, a maneira pela qual o Estado pôde ser util aos seus servidores sem comprometter-se, sem reduzir suas possibilidades financeiras. Dessa *bondade*

resultará uma capacidade maior das forças armadas em cumprir constante e dedicadamente a sua elevada missão.

Pretendemos tratar melhor dos detalhes do projecto no proximo numero.

Por hoje diremos apenas que elle é justo, viavel e necessario. Qualquer differença que pareça conveniente para a segurança das suas tabellas ou para a sua administração, poderá ser corrigida pelos que estudarem esse importante trabalho.

Aos nossos camaradas recommendamos o acto de benemerencia do Snr. Marechal Pires Ferreira, que poderá ser devidamente apreciado no Diario do Congresso Nacional de 30 de Julho de 1920.

Necessidades da Bateria da Escola Militar

Uma sabia utilização e distribuição dos recursos existentes é o principal escopo daquelles que intelligente e imparcialmente procuram o bem colectivo. Tem pleno cabimento agora que se cuide mais e mais da Escola Militar e se facilitem a ella os recursos de outros institutos.

Para que todas as armas e serviços possam bem desempenhar-se na guerra, é preciso que durante a paz sejam tratados com igual carinho, dispensando-se-lhes a mesma attenção, cohibindo-se o vizo megalomaniaco de algumas que desejam galgar, a despeito da utilidade e dos interesses das outras — que são o interesse colectivo — pois visam a harmonia do todo, o adiantamento simultaneo de todos os órgãos, unico meio de fazer funcção com perfeição a machina inteira.

Assim a B. A. da E. M., viveiro de futuros officiaes, não deve ficar para traz. Ella precisa para preencher os seus fins, o seguinte:

I Material — arreiamiento (montaria e tracção), viaturas e aparelhos (comprados fóra e confeccionados nas officinas);

II Edificio — baias, parques e picadeiro;

III Animaes — muares e cavallos;

IV Modificações do R. E. M.

I — MATERIAL

Arreiamiento — O arreo distribuido á bateria é sufficiente em quantidade, mas precisa que se diga algo sobre os inconvenientes que apresenta.

Seria vantajoso adoptar lategos de couro crú, em vez destas pessimas coureiras de couro branco com fivella, as quaes para arrebentar, basta, ás vezes, que o animal distenda a barriga.

Outra coisa má, são os ganchos com móla aos quaes, no arreiamiento de montaria, vão prender-se os lóros.

Cerca de 25 % dos nossos arreiamientos, com pouco mais de um anno de serviço, estão com um, e ás vezes ambos, partidos, o que geralmente acontece no curvamento dos dous braços horizontaes e no logar em que se prende a móla.

E' indispensavel que no arreiamiento de montaria destinado á artilharia as *porta-espadas* sejam feitos para serem usados do lado esquerdo e não do direito, como na cavallaria, differenças esboçadas decorrentes da natureza das armas.

E' uma despesa inutil pagar-se *cavallos porta-mosquetão* para as unidades de artilharia.

Arreiamiento de tracção — E' geralmente bom, porém apresenta alguns defeitos.

As *argolas* ás quaes se prendem os lóros têm approvado muito melhor que os *ganchos com móla* dos de montaria. Não quer isto dizer que aquelle systema seja superior a este, pois que o arreiamiento Krupp, tambem usa *ganchos*, dos quaes só vi até hoje um partir-se (e foi o emprégo ha 7 annos); o que se é levado a concluir é ser a materia primordia de tracção superior á do de montaria.

Ha porém dous inconvenientes de certo vulto, aliás muito facéis de remediar.

Quero me referir aos *tirantes-curtos* ás *retrancas*, cujo comprimento é demasiado para o tamanho médio do nosso cavallo de tracção (*).

Aquelles, na parelha tronco, apesar de presos no ultimo *anillo*, ficam bambos e leantes, apresentando uma das seguintes desvantagens: ou a parelha não puxa sobrecarregando as duas outras, principalmente a guia; ou então, devido a demasiados esforços do conductor, *fica de fora em quando nos tirantes*, com os animaes muito juntos da *boléa movel* o que produz accidenes nas mudanças de direcção.

(*) N. da R. — Quanto aos tirantes curtos para os quaes se deve procurar antes a razão de serem relativamente demasiadamente longos, no facto de que a *lança das viaturas é que é curta*.

tei, não só na B. A., como em outra de artilharia que estavam em Gericinó, que se verificava as hypotheses acima, resultando dahi tracção intermitente e defeituosa. — É naturalmente que o tirante natural é mais curto que o Krupp, de um comprimento igual ao da peça de couro e o gancho, em que elle se engata na molhella, e que, portanto, se o Krupp, claro é que tambem servirá o natural; porém, esse argumento fica por fora pela observação do que occorre. — De facto, com o material allemão o cavallo participava da tracção e com o natural não o faz.

— Não convem diminuir o comprimento do tirante porque então, a parelha média, ficaria muito junto á *boléa movel*; por providencia util, seria diminuir a 10 cm. a parte de corda e aumentar de um comprimento igual os dos da parte de corrente (**).

— A *retranca* soffreu uma redução idêntica do tirante; ora, apesar de empregar as mais curtas possivel, não conseguimos tel-as ajustadas, não preenchendo, portanto, seus fins nas descidas e paradas das viaturas. Em taes casos, o esforço vae se exercer sobre a correa ou sellote por intermedio da correa que os liga á molhella, occasionando graves ordens de inconvenientes: 1.º ser bem aproveitada a massa do couro; 2.º romperem-se as correias que são destinadas a supportar tão grandes esforços; 3.º correr para a frente o arreamento.

— Nesta exposição se conclue ser necessario modificar *tirantes* e *retrancas*, porque os enes estão, fica a função da parelha ronce quasi que reduzida a suspender a carga e guial-a nas conversões.

— Algo que foi má a ideia de pintar o couro algumas peças; talvez fosse melhor que todo o arreamento fosse da cor natural do couro como é a sella.

— Na vez engraxado, o material pintado não pega tinta, apesar da *agua-raz* que esta contem; ora, tal coisa nos coloca em face deste dilemma: não engraxar para poder pintar — ou não pintar para poder engraxar; — no primeiro caso

N. da R. — Para o novo material é necessario procurar a solução pelo lado do comprimento da lança.

prejudicar a conservação — no segundo a esthetica.

Parece-me que o meio de harmonisar estas coisas é deixar ao couro sua cor natural, attendendo ainda que geralmente estas tintas produzem endurecimento do couro, tornando-o quebradiço.

O material que nos foi fornecido traz apenas um par de redeas, o que não permite dar cumprimento aos arts. 291 e 293 do R. E. A.

Seja-me permittido aqui extranhar o motivo pelo qual grande numero de camaradas aqui do Rio, se insurgem contra o disposto no art. 291, fazendo que seus conductores guiem o cavallo de mão com ambas as redeas do bridão e não sómente com a da esquerda, como é regulamentar.

Parece-me que os motivos por elles apresentados são combativeis, mas creio ainda, que acima de qualquer outro argumento havia este: *que lhes é interdito modificar o regulamento*.

Seria mais facil propor e justificar as modificações que lhes parecessem uteis, como é aliás o caminho legal ás *aspirações de aperfeiçoamento*.

Viaturas — Possuimos apenas uma *viatura de viveres*; seria util que nos dêssem pelo menos uma *viatura-forragem* e uma *viatura-cozinha*, para que pudéssemos nas 5.ªs feiras e nos 15 dias que precedem os exames (R. E. M.) fazer os nossos exercicios sem precisar depender dos atrasos, faltas e enganos tão communs ao serviço de alimentação dependente dos ranchos, em toda parte.

Apparelhos — Temol-os muito poucos; para topographia, duas bussolas e trez podómetros; para leitura de cartas — nada — faltando curvimetros e transferidores, pelos quaes esperamos, ha muito, sem animo de fazer outros pedidos.

Exige-se que se ensine telemetros de um modo pratico (art. 9.º lettra I R. E. M.), isto é, que o ensino seja reduzido ao emprego.

Ora, como empregar o que se não possui?

Temos apenas dois de *inversão*, um dos quaes de infantaria, que é completamente maluco, accusando para o mesmo objectivo, em medições successivas da mesma estação, distancias que differem até de 500 m. e tendo ás vezes velocidades de achar que certo ponto está além do infinito.

Quanto ao juizo do outro nada se pôde dizer, porquanto, por *felicidade delle*, em concerto ou desconcerto que lhe fizeram, de tal modo lhe esconderam a escala, que della apenas se enxerga qualquer coisa vaga que se parece com o algarismo de um numero.

Precisamos, pois, pelo menos, de um telemetro de *inversão* e de um de *coincidência*, não sendo demais que nos dessem um de *justaposição* e um *binocular*.

Não acredito que algum dia a B. A. possa ter tal prazer, por dous motivos muito encarados em nosso paiz: 1.º custariam algumas centenas de mil reis cada um delles, e... 2.º... não augmentariam o *brilho das paradas*.

Precisamos que nos façam 16 postes e 16 estacas para um palanque de bivaque, o que ainda não foi possível pelo accumulo de trabalho nas officinas; sua falta causará algum prejuizo aos nossos exercicios de campanha no proximo periodo.

Quanto a telephones era muito justo que se mandasse fornecer-nos um par dos novos ha pouco experimentados em Gericinó, acompanhados, já se vé, de alguns kilometros de fio para que se pudesse a sério fazer exercicios de ligação com a infantaria que se apoia, com os observadores auxiliares, etc.

Continua).

1º Tte. L. Corrêa Lima.

SERVIÇO GEOGRAPHICO

O S. G. M. (em trabalhos preliminares de organização) realisou, em Julho p. p. um exercicio de levantamento expedito com o fim de treinar os elementos de trabalhos relativos:

a) ao methodo estereophotogrammetrico;

b) aos processos ordinarios de photogrammetria aeronautica; e

c) ás operações expeditas de reambulação e revisão de photocartas.

O objectivo tecnico consistiu em definir, em carta preliminar, a orographia e a planimetria de uma região de 10 km.² no mais curto espaço de tempo, do modo mais completo possível e com os actuaes recursos disponiveis.

O tempo consumido na execução de todas as operações de campo e de gabinete (inclusive impressão), sob a direcção competente e dedicada do Cap. A. A. de Alencastro, foi de 8 dias.

Publicando, devidamente autorisado, a carta preliminar que resultou do referido exercicio, temos em vista registar esse facto digno de nota e fazer chegar ás mãos dos nossos leitores, principalmente dos que trabalham na guarnição da Capital Federal, — uma nova contribuição cartographica.

O Brasil venceu o campeonato de revólver

Representado pelo pulso firme, pela vista calma do Tenente Guilherme Paraense, o Brasil acaba de conquistar o 1.º lugar na prova individual de revólver, uma das mais interessantes organizadas no Campeonato Internacional de tuerpia.

O triumpho desse camarada, a excellentíssima dada pelo Dr. Afranio Costa que obteve o 2.º lugar na prova de pistola e o numero de pontos obtido pelos outros membros da equipe brasileira, passam a esphera das individualidades que constituem para o Brasil um justo motivo de ufania.

E' lamentavel que não tivéssemos concorrer á prova de fuzil; o successo obtido, porém, animará, para o futuro, um maior cuidado e apreço por essas demonstrações que tanto servem ao nome da nossa Patria.

Não podemos deixar de registrar aqui a maneira gentil e patriótica com que a imprensa soube destacar este acontecimento. Entre outros o «Correio da Manhã» de 5 do corrente, trouxe com brilhante simplicidade a importancia que devemos attribuir ao caso, interpretando-o como o calor nacionalista da sua brilhante redacção.

Metralhadora Maxim

c) Manipulador com gatilho e trava de segurança

O manipulador fecha a culatra por traz, permite o manejo da arma e serve de suporte dos dispositivos do gatilho e da trava de segurança.

São as seguintes as suas diversas partes:

Chapa de fechamento.

Braços superiores e inferiores.

Punhos.

Tecla do gatilho e mola.

Trava de segurança e mola.

Haste do gatilho com resalto.

Chapa de fechamento

A chapa de fechamento liga as duas metades da caixa da culatra e nellas se prende por meio de pinos; no meio da chapa existe um orificio de inspecção com tampa, que permite entrar-se o interior do cano. Abaixo do orificio de inspecção fica um anillo no qual se prende a mola e gira, por intermedio de um pino, a haste do gatilho.

Os braços superiores e inferiores ligam os punhos á chapa de fechamento; os de cima sustentam a trava automatica de segurança.

Punhos

Servem para manejar-se a arma; são os que contêm um tubo de lubrificante, com lubrificante roscada e um dispositivo especial para girar e tirar o fechamento. A tampa roscada dos punhos tem cada uma preso um pincel para o lubrificante.

Tecla do gatilho e mola

Encaixa-se a tecla a fazer correr para traz e do gatilho. Movel em torno do pino prende ao seu anillo, ao calcar-se a qual que nella existe comprime-se a mola e a face; a parte inferior da tecla gira para traz, fazendo ao mesmo tempo correr no sentido a haste do gatilho, cujo resalto achava na frente do desarmador da noz, igualmente para traz, bate no desarmamento-lhe a resistencia, produzindo-se então o tiro.

Trava de segurança e mola

Esta fim é impedir que a arma dispare sem advertencia. O travamento se faz automaticamente, isto é, a trava, como a tecla do gatilho, está constantemente sob a acção da sua mola que a impelle para baixo. Logo que se encaixa a tecla, automaticamente os resaltos da trava lhe antepõem, isto é, travam-na. Só depois de levantar a trava é que se pôde girar a tecla, calcando na dedeira. Dos resaltos o menor serve de escape, o maior propriamente exerce a função de trava.

d) Alimentador

O alimentador é o órgão que facilita a recarga de fogo da metralhadora, fornecendo-lhe a mola precisa já em posição para ser recolhida e levada á camara; suas partes principaes são:

Caixa com as aberturas de carregamento e de saída da fita;

Dois fixadores da fita com suas molas;

Transportador da fita com o impulsor e sua mola;

Alavanca angular;

Corrediça da ponta dos cartuchos e sua mola;

Mola chata da passagem do cartucho.

A caixa contém as outras peças do alimentador e nella se veem:

Aberturas de carregamento e de saída da fita;

Corrediças do transportador;

Passagem do cartucho (bocca-espera).

Abertura de carregamento tem largura maior do comprimento do cartucho, afim de deixar ainda espaço para a corrediça da ponta dos cartuchos e sua mola.

Fixadores são continuamente impellido para cima pela respectiva mola. Logo que um cartucho passa por cima delles, para a esquerda, o outro poderá ser passada para a direita.

Para abaixar os fixadores, fazendo pressão na alavanca respectiva alavanca. O fixador anterior tem ponto mais longo que o posterior; por isso os cartuchos mais finos na ponta (pro-
prio) Para differenciar-os o anterior tem grão de letra V, e o posterior a letra H.

Transportador, com o impulsor e sua mola, serve para a direita e esquerda, mantendo-se sempre impellido para baixo o impulsor por mola.

Depois de ter o impulsor corrido para a direita e passado por cima de um cartucho, não se pôde mais puxar a fita para a esquerda, porque a isso se oppõe o impulsor.

Para descarregar a arma retirando a fita, o impulsor faz sair pela passagem o cartucho e acha á esquerda do impulsor. Ao passo que o impulsor se move para a direita e es-
ta, os fixadores são fixos.

A alavanca angular transforma o movimento de recuo do tirante esquerdo, no qual se encaixa, em um movimento lateral do transportador. Ao encaixar-se o alimentador na metralhadora é preciso fazer correr o transportador bem para a esquerda, afim de que o dente da alavanca angular penetre no seu encaixe existente no tirante esquerdo.

A corrediça da ponta do cartucho e sua mola destinam-se a dar aos cartuchos a boa posição, durante a passagem pelo alimentador, para serem elles apanhados pelo transportador da culatra, porque os cartuchos não ficam bem fixos na fita, podem correr no sentido do comprimento; a corrediça, pela sua forma convexa, vae pouco a pouco fazendo recuar o cartucho que está mettido na fita, até ser elle apanhado.

Mola chata da passagem do cartucho. — Logo que o cartucho chega á passagem, a mola que ali existe mantem-no firme prendendo-o com a garra, evitando assim que o cartucho corra demais para traz por effeito da convexidade da corrediça. Se não fosse isso, o transportador da culatra ao subir esbarraria no cartucho e não o apanharia. Além dessa função, a mola da passagem dá ao cartucho uma certa firmeza, para melhor ser apanhado pelo transportador no seu rapido movimento para cima.

e) Apparelho de pontaria

Consta de alça e massa de mira.

As partes da alça são: lamina e pé, mola, e cursor, com detentores e suas molas. A massa de mira se engasta em um embazamento.

f) Apparelho da mola recuperadora

Destina-se a fazer voltar aos seus logares as partes da metralhadora lançadas para traz por effeito do recuo. Consta das seguintes partes:

Caixa da mola recuperadora.

Mola recuperadora com gancho e porca.

Parafuso regulador com travessão.

Barra do indice e indice.

Mola conica.

A caixa encerra todas as outras partes e protege-as da poeira e humidade. Pelas garras ella se prende as espigas da face esquerda da caixa da culatra. Existe na caixa uma graduação na qual se pôde lêr a elasticidade da mola recuperadora.

Mola recuperadora. — Na occasião do tiro a cadeia articulada é levada para traz, pois está ligada ao mecanismo de vae-vem. O braço da cadeia, porém, acompanhando o giro da manivella para a frente, gira por sua vez para traz, de sorte que a cadeia articulada se enrola e distende a mola recuperadora. O gancho que existe numa das extremidades da mola, serve para nelle se engatar a cadeia; a porca, na extremidade opposta recebe o parafuso regulador.

O parafuso regulador serve para dar-se á mola a elasticidade conveniente, para o que dispõe de um travessão que permite torcel-o dentro da porca da mola, avançando este ao longo do parafuso.

A barra do indice tem uma das extremidades quebrada em angulo recto, formando um resalto. Ao regular-se a mola distendendo-a pouco a pouco, por meio do travessão, a barra avança comprimindo pelo resalto a mola conica que nella se appia. Quando se afrouxa a mola, a mola conica se distende, empurrando pelo re-

salto a barra do índice. O índice fixo na barra aponta na *gradação* a elasticidade da mola e move-se para a frente e para traz no *rasgo* existente na caixa da mola recuperadora.

(Continúa)

NOTA: Acompanha uma folha de figuras.

Remonta

No intuito de estimular a criação do cavallo, como elemento essencial que é de defesa nacional, julgamos que o M. da G. deverá, uma vez bem determinadas as condições a preencher pelo equino para o Exercito, adquirir annualmente, todos os que forem apresentados, dentro destes primeiros annos, nas epochas competentes, garantindo assim o mercado aos productores. Porque, só tendo certeza do negocio e isto mesmo se este fôr amplamente remunerador, poderá o criador preterir a producção do bovino e ovino, cuja sahida é segura e sempre vantajosa, demandando menos trabalho, menos campo, menos despezas e sem caprichos singulares.

Propomos, assim, salvo melhor orientação, que o preço seja fixado, tirando toda duvida aos interessados, tomando por base o preço médio do boi na safra correspondente, devendo ser determinado para os animaes de menor valor, no minimo, 30 % sobre aquelle. Se por exemplo, em 1921, o preço médio do boi fôr de 250\$, o valor minimo do equino preenchendo as caracteristicas exigidas e prefixadas para servir ao exercito, será de 325\$. Fóra de vantagem tal como essa (ou outras equivalentes), não é possível consagrar-se alguém á criação do cavallo de guerra.

Na Faz. de Saycan conviria manter-se um nucleo de reproductores puros para servirem, na primavera, ás eguas dos particulares nos locais onde fossem pedidas e conforme o methodo (segundo nosso juizo), já descripto no n.º 70-71 da «A DEFEZA NACIONAL».

Entre esses reproductores, deverão ser conservados alguns, crioulos, no intuito de ser a selecção destes animaes orientada e amparada pelo Governo. Se, por emquanto, não é fácil a tarefa, em todo caso mais vale encaminhal-a quanto antes, que deixal-a relegada para as calendas gregas, senão, mesmo, repudiada. Neste sentido, as republicas do

Prata estão norteadas com verdadeiro acerto, pois ninguém contestará que sera o cavallo crioulo o que mais nos convirá, desde que, embora só daqui a um seculo, ou mais, consigamol-o sufficientemente escoreito e producto do nosso meio; e aquelles paizes tomaram sobre os hombros o problema da selecção do cavallo crioulo, procurando fixar-lhe os caracteres para obter a raça desejada, amando a respectiva criação por meio de premios aos melhores especimens que alcançam preços muito elevados.

Além dos garanhões crioulos cujas substituições serão feitas á medida que outros menos imperfeitos forem sendo adquiridos, parece-nos que se deverá dar preferencia aos da raça Anglo-Arabe, cuja experiencia nos não tem sido desfavoravel.

Saycan pois, alheiado do insolúvel problema da criação por parte do Governo, tornar-se-á um deposito de garanhões seleccionados destinados a auxiliar a criação particular, em numero maior ou menor, de conformidade com a procura que houver.

Attribuir á egua bôa, satisfazendo as condições de remonta, o mesmo preço do cavallo, tal é outro modo pratico de estimular a criação.

Preliminarmente, já se vê, é preciso que haja a organização de um *Herd-book* sob a responsabilidade do M. da Guerra, além de uma estatística equina tão completa quanto possível.

Melhor seria a instituição de um Conselho Director de Remontas, permanente (militares, criadores, technicos), apto a orientar e julgar a criação equina e a concursos de remonta; julgar e ordenar a distribuição dos premios pecuniarios. Poder tambem, fixar, annualmente, os preços de aquisição.

E' tambem interessante, e importa não esquecer, que o Governo deve, annualmente, conferir premios pecuniarios a criadores que fornecerem ao exercito maior numero de animaes de sua marca aos possuidores dos melhores reproductores, dentre os registrados no M. da Guerra.

E' obvio que esses premios (que não deverão ser inferiores de 10 contos de primeiros e de 2 os segundos) não poderão ser attribuidos mais de uma vez aos mesmos animaes.

Major Ptolemeo de A. Brasil

emprego actual da artilharia

Conferencias feitas pelo Coronel Gros, em Março de 1920. — Traduzido dos Anales de la Escuela Militar de Montevideo.

Primeira conferencia

thores.

Produção. — Fui encarregado pelo Snr. Ministro da Guerra e Marinha de vos expôr as acções actuaes do emprego da artilharia, taes como foram estabelecidas e sancionadas durante uma guerra européa, na qual teve o cargo de desempenhar importantissima missão. Snr. Ministro agradeço duplamente a honra que me fez com o dar-me esta incumbencia, porque me proporciona o prazer de falar pouco sobre a dita guerra e depois, porque me oferece a occasião de dizer-lhes que, grande apoio moral que nós dèstes nos dias de luto pelos quaes passou minha patria, assim em são grandes o reconhecimento sincero e sympathia que na França sentimos pelo vós.

Um de dar conta da importancia do novo papel que a artilharia desempenha na guerra moderna, devo recordar o facto posto em evidencia absoluta, no desenrolar da contenda, que, com o armamento actual, toda linha ou ponto organizado para a defensiva é impossivel de ser conquistada sómente com a infantaria. É necessaria a intervenção prévia da artilharia para desorganizar e destruir as defesas da linha.

A necessidade de intervenção da artilharia constitue um dos novos principios estabelecidos com a experiencia da guerra, principio cuja accção custou muito sangue, pois, até então, todo o credito se acreditava que o exito do assalto dependia sómente do valor do assaltante. Não obstante, naquella preparação reside sómente uma parte, ainda que importante, da missão imposta á artilharia.

o papel da artilharia durante o ataque

Para melhor comprehender seu papel geral durante este complexo, vamos examinar ligeiramente diversos periodos que comprehende o ataque: a) a posição organizada, phase que constitui a finalidade de toda operação militar, já que o objecto da guerra é conquistar o terreno e organizal-o defensivamente para garantir a sua occupação.

Contraremos neste exame quatro periodos essenciais:

1.º periodo. — Preparação do ataque pela artilharia, tendo por objecto destruir as organizações defensivas do inimigo em seus pontos essenciais. Este periodo será o mais breve possivel e nelle os canhões desenvolverão a mais poderosa acção para conseguir-se a surpresa e tornar impossivel a reparação das defesas. Vem mais adiante um caso concreto de semelhança: a preparação que está quasi exclusivamente assignada á artilharia pesada curta, composta dos canhões de 155 m/m e morteiros de 220 m/m e de 280 m/m.

No mesmo tempo que se destróem as obras e fortificações da organização tem-se que pensar nas medidas inimigas encarregadas de apoiar a defesa

da posição. Estas baterias devem ser batidas e postas fóra de serviço.

Deve-se tambem impedir a chegada de todo reforço em pessoal, material e munições.

Tudo isto está a cargo da artilharia pesada longa que comprehende os canhões de 105 m/m, de 145 m/m e de 155 m/m, e os de grande potencia de 155 m/m e 194 m/m que alcançam 17 a 18 kilometros.

Todos estes obuzes e canhões são materiaes modernos, isto é, moveis em qualquer terreno e de tiro rapido, o que significa que todos elles têm reparos deformaveis de campanha.

Durante a guerra foram usados materiaes antigos, porém, pouco a pouco e á medida que progredia a capacidade de produção, foram substituidos por materiaes modernos e transferidos para a artilharia de posição.

2.º periodo: Assalto. — Conseguida a destruição das organizações do adversario, a infantaria assalta a posição por ondas successivas, sob a protecção de um tiro de acompanhamento de artilharia. Este tiro, que precede as vagas assaltantes, impede toda a acção da infantaria adversa e foi chamado «barragem rolante» por causa de sua mobilidade.

É executado exclusivamente pela artilharia de campanha e constitue, se assim podessemos dizer, sua especialidade, pois a dita «barragem rolante» exige uma execução muito rapida, não só no que diz respeito á rapidez de tiro, como tambem pela celeridade de mudanças constantes de objectivos, condições estas que sómente o canhão 75 de campanha pôde facilmente preencher.

A artilharia pesada curta tem uma dupla missão: apoiar o ataque, batendo as organizações de segunda linha e, especialmente, as trincheiras de acesso por onde podem chegar os reforços, e manter-se prompta para bater os pontos onde se manifestem resistencias.

A artilharia pesada longa e especialmente a de 155 m/m pertence o importantissimo papel da neutralização da artilharia inimiga que se não tenha podido destruir, empregando-se para isso a granada de gazes asphyxiantes em dada proporção. Esta neutralização tem por fim impedir ás baterias inimigas a execução dos tiros de barragem fixa diante de suas primeiras linhas e pararem, assim o nosso assalto.

Finalmente, os outros calibres continuam a acção ao longe, já começada no primeiro periodo.

3.º periodo: Occupação do terreno. — Desde que a infantaria tenha conquistado o terreno até a linha que lhe tenha sido de antemão fixada, se organiza este para a defesa contra um contra-ataque possivel do inimigo.

É o periodo mais critico da operação e esta crise se prolonga até que a referida organização se termine, pelo menos, em seus elementos essenciaes. A acção protectora da artilharia, em consequencia, deve continuar com toda a efficacia neste periodo.

Essa acção consistirá em uma cortina de protecção diante da linha, cortina fixa, a cargo da artilharia de campanha, menos importante, porém, como densidade do que os tiros de «barragem rolante».

Haverá, comtudo, pontos nesta cortina que terão de ser reforçados com os fogos da artilharia pesada curta.

Quanto á artilharia pesada longa, continúa esta sua acção de neutralisação, assim como a acção análoga de interdicção.

4.º **periodo final. Estabilisação.** — Começa quando a infantaria está em situação de defender sua linha contra toda tentativa da infantaria inimiga.

Nesta phase o fogo protector da artilharia que já terá diminuído sensivelmente, cessa por completo. As baterias que se encontram demasiado longe da nova primeira linha, aproveitam este momento para mudar de posição. Todas as tropas tomam as disposições necessarias para fazer frente a qualquer ataque do inimigo, observando uma vigilante defensiva.

Papel da artilharia na defensiva

A missão da artilharia neste periodo de defensiva deduz-se do que se disse a respeito da offensiva.

A artilharia de campanha prepara um tiro de barragem diante da primeira linha de infantaria e vigia constantemente o terreno para dirigir seus fogos com toda rapidez e efficaçia, logo que se apresente o instante de agir contra um ataque inimigo.

A artilharia pesada curta actúa do mesmo modo que durante uma acção offensiva, isto é, deve bater as segundas linhas inimigas e os accessos ás primeiras para impedir a chegada das reservas.

A pesada longa trata de paralisar a acção das baterias adversas.

Tudo deve ser preparado de maneira que cada qual conheça perfeitamente a missão que lhe compete desempenhar no momento do ataque inimigo e possa executá-la, sem nenhuma hesitação, nas melhores condições de exito.

Classes especiaes de artilharia

Devemos acrescentar que nestes trabalhos de destruição, de neutralisação e de interdicção, a artilharia pesada é, entre nós, ajudada em casos de defesas muito importantes e de grande resistencia:

1.º) pela *artilharia especial de trincheira*, que lança a pequena distancia bombas de grande calibre e carregadas com explosivos potentes;

2.º) pela *artilharia de posição*, servida pelo pessoal de artilharia a pé, que emprega materiais de sitio e praça;

3.º) nos casos precitados e, ainda, em casos de objectivos demasiado distantes, pela *artilharia de grande potencia*, que usava geralmente material de costa e de marinha (morteiros de 270 m/m, de 295 m/m, de 370 m/m e de 400 m/m; canhões de 240 m/m, 274 m/m e de 305 m/m).

Estas classes de artilharia sómente apparecem na guerra de posição. Seu emprego não é geral e por isso me não occuparei principalmente dellas.

Foi creada outra *artilharia*, muito especial, a de defesa *antiaerea* que emprega o canhão de 75. Também sobre ella não daremos detalhes porque não tem acção directa sobre a marcha da batalha e, ainda, porque muito pouco podemos dizer a seu respeito, sendo o seu modo de emprego muito simples, quando se refere á repartição dos postos e muito difficil e algo empírico, quando se trata de seu modo de acção technica.

Papel geral da artilharia

Com o exposto temos um esboço geral do modo de emprego da artilharia, deduzido, verdade, de um caso de ataque pertencente má guerra de posição. Sua generalidade, contudo, se admite sem difficuldade, se levamos em conta que, no desenrolar desta longa guerra viu claramente que, de um modo geral, as mesmas as regras que regulam o emprego da artilharia, tanto naquella especie de guerra como na de movimento.

A unica differença entre os dois casos reside na importancia dos preparativos, sendo elle geralmente mais minuciosas, por haver mais tempo na guerra de posição.

Examinando, pois, o papel imposto á artilharia no ataque de uma posição organizada podemos deduzir-se a norma geral de seu emprego. Teremos sómente que adaptar as regras determinadas ás exigencias de cada caso concreto.

Antes de examinar com detalhes os modos de acção da artilharia de campanha, como o da pesada, tenho que vos expôr algumas generalidades que dizem respeito á

Artilharia de campanha leve e pesada

Dissemos, momentos antes, que as duas citadas artilharias interveem com seus fogos para apoiar a infantaria, dentro de um plano geral, o que utiliza suas qualidades proprias que, por outro lado, são funcções directas de seu movimento.

Levando em conta esta identidade de acção, poder-se-ia renunciar á classificação actual, apparente que real, de artilharia de campanha leve e de artilharia pesada, para adoptar a mais apropriada denominação de artilharia de campanha, que, então, comprehenderia:

1.º) a artilharia leve: canhões de 75 m/m.

2.º) a artilharia pesada curta: obuzes de 120 m/m, morteiros de 220 m/m e de 280 m/m.

3.º) artilharia pesada longa: canhões de 150 m/m e de 155 m/m — d.º G. P. de 155 m/m e de 193 m/m.

Demasiado será dizer que a artilharia de posição difficilmente movel e a de grande potencia que poderia chamar-se de via ferro, não ser sómente movel sobre vias especiaes, não podem entrar na classificação de artilharia de campanha.

Admittindo, então, que as demais artilharias constituem a artilharia de campanha basta para especificar cada especie, chamal-as respectivamente artilharia leve, artilharia curta e artilharia longa, tendo cada uma, dentro da linha de conjunto, seu papel especial em relação com sua classificação.

Veremos, quando mais adiante falarmos da organização da artilharia em tempo de guerra, que, de facto, essas idéas se impuzeram como a cada artilharia divisionaria, que comprehendia nada mais que canhões de 75 m/m e se juntou um grupo de artilharia pesada curta. Por outro lado, a artilharia de corpo, que antes era também formada por canhões de 75 m/m, formase hoje de um regimento de artilharia pesada longa.

Efeito moral da artilharia

Como era de prevér, particularmente do emprego no campo de batalha dos explosivos de grande potencia da artilharia

a acção do canhão manifestou-se não só pelo efeito material como, também, pelo esforço produzido pela detonação violenta, a qual paralysa a vontade e a resistência dos defensores quando o attinge certa densidade e potencia.

O duplo efeito trouxe, como consequência, momentos antes da hora do ataque de potentes concentrações de artilharia na primeira linha inimiga. Estas condições das quaes participavam todos os calibres disponíveis e especialmente a artilharia pesada, tinham por objecto facilitar, de modo seguro, o assalto sobre a primeira linha inimiga. Naturalmente, é a mais importante, pois elle assegura geralmente o êxito da operação.

Uma cousa que esta guerra impoz foi a não imperiosa de uma estreita e completa ligação entre a artilharia e a infantaria durante o combate. Veremos em continuação como surgiu esta obrigação.

Indirecto. — Tenho que falar de modo mais extenso do emprego do tiro indirecto, processo de tiro adoptado e preo desde o principio, pela artilharia franceza generalisação se fez lei rapidamente para os exercitos belligerantes.

Este processo permittiu estabelecer um regimento unico de tiro, applicavel a todos os calibres, constituindo por isso mesmo um grande importancia que facilitou enormemente a rapida execução dos tiros de artilharia. Na guerra era conhecido o tiro indirecto, seu emprego era previsto mais especialmente para a artilharia pesada que tinha então grande importancia. (1)

Esta generalisação se effectuou mais rapidamente a medida que augmentou a importancia da artilharia pesada.

Do outro lado a guerra de posição tornou o tiro indirecto modo de tiro quando desapareceu por completo os objectivos directos, que se esconderam sob a terra ou por de tras de obstaculos naturaes e artificiaes, já não aguardaram a noite escura para mover-se com liberdade, como quando se tratava de artilharia de materiais, aprovisionamentos, etc. O tiro indirecto como o directo não se pôde fazer sem observação. A differença essencial reside no facto de que para este se fazem as observações da bateria, enquanto para aquelle se ir longe das peças, observando da frente do ar.

Para utilizar, porém, as observações feitas nas ultimas condições precisa-se:

1.º que a bateria possa relacionar com o terreno as observações que se lhe transmitem; 2.º que a bateria tenha elementos de tiro directos exactos, afim de que os projectis atinjam as proximidades do objectivo, sem o que a observação confundir-se-ia com os de tiro directo.

A necessidade de conhecer os elementos do terreno no caso considerado do tiro indirecto, se tornou mais imperativa se se trata de artilharia

pesada, na qual se tem que economisar munições caras e onde, por consequente, para que o consumo de munições de regulação seja o menor possível, convem approximar-se o mais possível dos elementos exactos.

Precisa-se, assim, de conhecer a posição relativa da bateria com o observatorio e o objectivo e os elementos essenciaes do tiro. Estes são: a direcção do objectivo, sua distancia ás peças e sua differença de altitude.

Vejamos como se consegue tudo isto.

Antes da guerra se havia previsto, para uso da artilharia pesada, na guerra de sitio, a confecção de um *canevas* de tiro por meio de operações geodesicas e topographicas que se executavam por brigadas geodesicas, juntas ao Estado Maior do Exercito de sitio.

Apoiando-se sobre a rede provisoria assim estabelecida deviam essas brigadas revelar a posição de todos os objectivos inimigos: baterias, obras de defesa, observatorios, etc., e, ao mesmo tempo situar nossas proprias baterias no *canevas*, para que se lhes subministravam os elementos de tiro precisados.

Canevas director de tiro. — Estabelecia-se assim uma planta de 1:20.000 com quadriculado kilometrico, chamado *canevas director de tiro*, por analogia com os planos directores das praças fortes, feitos já desde o tempo de paz, e que deviam servir para a artilharia pesada da defesa.

Para cada bateria se cortava neste plano geral, na escala de 1:20.000, a parte correspondente á sua zona de tiro, inclusos os observatorios e os pontos de orientação, e este todo constituia a «prancheta de baterias».

Estas disposições tiveram sua applicação immediata — não obstante não se tratar de fazer nenhum sitio de praça forte — desde que a frente se estabeleceu em Setembro de 1914, após a batalha do Marne.

Crearam-se em cada exercito as brigadas geodesicas previstas com a denominação de «grupos de *canevas* de tiro» para bem especificar seu objecto.

A necessidade, porém, de se ter não só um *canevas* dos objectivos de tiro, senão um verdadeiro plano director, se fez sentir muito depressa.

Os processos usuaes de topographia eram muito lentos e sómente davam alguns dos objectivos. A infantaria, os engenheiros e o proprio commando pediram com insistencia um plano director que lhes servisse para usos particulares.

Foi ainda a artilharia que com mais insistencia reclamou esse plano, não só porque tinha, como na guerra de posição, que destruir as baterias e obras defensivas, além de lhe darem outras missões, como de bater todo objectivo que apparecesse ao observador terrestre ou aereo que o assignalava por suas coordenadas.

Este modo de determinação de objectivo exige uma planta do terreno que seja bastante exacta, exactidão necessaria, além disso, para que a bateria atinja o alvo com o minimo de projectis e possa bater-o rapidamente, se se trata de alvos instantaneos e, também, para facilitar ao observador a observação dos primeiros pontos de queda.

Os «grupos de *canevas* de tiro», que eram como pequenos serviços geographicos, puderam satisfazer a este pedido geral de um plano direc-

N. do T.: É muito commum entre jovens artilheiros o erro de confundir o tiro indirecto com o tiro de pontaria indirecta. O tiro indirecto qual é definido em fortificação, não é tiro, que attingem as obras com grande ângulo (mergulhante vertical).

ctor, graças ás plantas cadastraes e á photographia aerea. Elles usavam a escala de 1:40.000, levantamentos originaes no terreno de 1:80.000, completando-os com uma rede trigonometrica complementar, adaptando-lhe photographias aereas e ampliando-a para a escala de 1:20.000 pela photographia.

Plano director. — Fez-se, assim, um verdadeiro plano director de operações em todas as zonas da frente onde não existiam planos directores de praça forte, e se completaram estes ultimos das regiões de Laón, Reims, a Leste de Verdun, até Belfort, adaptando-os, além disso, á projecção escolhida, que foi a de Lambert, com eixos centraes passando pelo ponto 6.º de longitude Leste de Paris e 55.º latitude Norte, situado perto de Kaiserslautern (Palatinado).

A quadricula kilometrica é parallela ao meridiano e ao parallelo neste ponto.

(Continúa)

Artilharia de montanha

Sua composição, armamento e emprego tactico

(Tradução)

Cap. XIV do «Wernigs Taschenbuch» 30ª edição, Frhr. von Bittersdorf, major e cdt. de um R. A.; na paz, instructor da Escola de Tiro de Art. de Campanha.

A artilharia de montanha é formada de grupos de 3 baterias, frequentemente 2 de canhões e 1 de obuzes.

A bateria tem, como a de campanha, 4 peças e articula-se em:

- a) Sequito do cdt. da bateria;
- b) 2 *Secções de combate*, das quaes cada uma com um pessoal do commando da secção, secção de peças e secção de munição;
- c) *Escalão com trem de combate* e
- d) *Trem de estacionamento*.

As baterias e secções podem ser empregadas separadamente e postas á disposição de destacamentos de tropas.

Todo o material (peças, munição, aparelhos de observação e telephonicos) é transportado em cargueiros. As peças são para esse fim desmontaveis. Os serventes e conductores marcham a pé.

Só os escalões e trens de estac. possuem viaturas. Nos escalões são em geral pequenos carros de duas rodas, de via estreita, puxados a um ou dous cavallos, atrellados a um de frente, os quaes podem seguir ás baterias mesmo nos máos trilhos das montanhas.

Os carros pesados de 4 rodas são obrigados, por vezes, a grandes voltas ou mesmo a ficarem para trás, quando terminam as estradas carroçaveis.

Enquanto nas baterias de canhões de montanha, geralmente, o calibre é de 7,5 cm., as de obuzes têm o dos nossos obuzes leves de campanha e empregam os mesmos projectis destes.

As espoletas e cargas de projecção (estojos) dos canhões de montanha differem das de campanha por ser diversa a trajectoria.

A efficacia do 7,5 cm. é correspondentemente menor. Por causa do menor comprimento da alma e da menor carga a velocidade inicial, e com ella o alcance, são também menores e a trajectoria é mais curva: resulta, porém, em compensação a maior facilidade do tiro por causa de coberturas e elevações e, principalmente, melhor adaptação ao terreno montanhoso.

As peças de montanha são em geral desmontadas em cargas separadas e conduzidas por cargueiros; na marcha por boas estradas, com o fim de se pouparem os animaes, convem armal-os sobre as rodas e empregar a tracção.

Conduzida em cargeiro ou atrellada a uma peça de montanha necessita de uma especial preparação prévia numa posição de promptidão. Em terreno desenhado esta póde ficar nas immediações da posição de fogo. Tudo quanto não é necessario na posição de fogo fica na posição de promptidão.

Para o transporte de uma peça de montanha são necessarios de 6 a 8 cargueiros. Um animal conduz 10 projectis de canhão ou 6 de obuz. Excepcionalmente, em curtos trechos, as cargas podem ser transportadas pelos homens; são então necessarios para cada peça de 10 a 20 homens e para cada cofre de munição, 2.

A artilharia de montanha move-se mais difficilmente no terreno o mais difficil; é por isso mais independente; falta-lhe, porém, a rapidez de marcha, igual no máximo á da infantaria.

No calculo da duração de marcha deve-se acrescentar ao tempo deduzido da distancia dada pela carta, para cada elevação de nivel de 200 metros ou descida de 300, mais uma hora. Em circunstancias mais difficeis póde-se gastar o dobro do tempo. Quando necessario, empregam-se cordas.

A differença de cotas que uma bateria de montanha póde vencer em subida é de

dia, depende, além das circumstancias anteriores (natureza dos caminhos, estado topographico, conducta do inimigo, etc.), do ordenamento de marcha e do estado dos meios.

100 metros de differença de nivel vencidos em um dia podem ser encarados como um bom rendimento.

Os principios fundamentaes do emprego da artilharia de montanha são os mesmos da artilharia de campanha. Raramente empregada em grandes unidades, sua participação será geral por baterias isoladas ou por grupos.

Quando se trata de casos de grande importância, como nas perseguições ou em grandes batalhas, a artilharia de montanha tem uma applicação.

No ataque, o melhor processo de acompanhamento da infantaria para a posição avançada, consiste em collocar previamente a artilharia em posição de promptidão, o mais possível avançada, baterias ou secções, as quaes após tomada da posição inimiga pela infantaria se põem em movimento para sustentar a infantaria na sustentação da mesma.

Como, porém, a artilharia de montanha é uma arma especial, sua participação só é justificada onde o emprego da campanha se ache excluído ou onde se sejam justificaveis as qualidades especiais da arma.

Ela se presta em particular para fogos de flanco ou cruzados, destinados a bater espaços mortos quaesquer (mesmo as peças isoladas).

Deve-se tomar em consideração a possibilidade da concentração dos fogos dos diversos grupamentos de art. de montanha sobre partes de terreno singularmente ameaçadas.

Uma de suas principaes propriedades é a aptidão para apparecer de sorpresa em pontos onde não se esperaria a existência de artilharia.

A grande velocidade de fogo muito favorece neste caso.

Tanto mais elevada a posição das peças, maior o seu alcance e maior o espaço dominado.

O trabalho da subida das peças e munição será sempre compensado.

É sempre necessaria aproveitar as vantagens naturaes, por ventura existentes, ou preparal-as artificiaes.

A vantagem em mudar frequentemente de posição.

Abrigos contra aviadores em regiões montanhosas altas e médias, destituídas de vegetação, são difficeis de conseguir; muitas vezes basta collocar as peças isoladas na sombra de rochedos, etc.

A art. de montanha é empregada contra todos os objectivos, com excepção dos fortemente abrigados; os principaes são infantaria, metralhadoras, observatorios, peças visiveis ou reconheciveis e especialmente objectivos animados que a artilharia de campanha e a pesada não possam bater.

Peças isoladas destinadas a enfiar angulos mortos, collocadas na linha avançada ou em suas immediações, só atiram no caso de realisar-se o ataque approximado do inimigo.

Como as peças ficam eliminadas para outras missões, deve-se destinar pouca ou nenhuma artilharia de montanha para esse fim.

Na guerra de posição a construcção e emprego de muitas posições para mudanças são o melhor meio de illudir o inimigo sobre a força da nossa artilharia, de evitar perdas pelos fogos do adversario e de alcançar uma acção multilateral contra os objectivos diversos. A artilharia de montanha pela sua mobilidade é muito adequada a essa especie de operações.

Os animaes são abrigados, por grupos separados, algumas centenas de metros atrás da posição. Em taludes fortes encontra-se muitas vezes lugar atrás de rochedos para taes agrupamentos, de modo a ficarem subtraídos aos fogos inimigos e ás vistas dos aviões.

Os cargueiros das peças devem ficar sempre á mão.

Em terreno coberto deve ser dada geralmente uma guarda especial de infantaria ás partes da bateria deixadas para trás.

O remuniamento das peças procede primeiramente das secções de munição, depois dos escalões. O escalão não avança para a posição, descarrega sua munição para os seus proprios animaes de tracção, feitos cargueiros, ou para os cargueiros das secções de munição. Os cargueiros dessas secções são sempre reenviados para o escalão.

Onde o terreno o permite, utilizam-se os carros de 2 rodas para o avanço da munição.

Os escalões se reabastecem das columnas de munição de artilharia ou directamente, mediante auto-caminhões dos depósitos.

Bibliographia

- Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar*, n.º 11, Maio.
Revista Militar, n.º 13, Julho.
O Museu Nacional, durante o anno de 1919, pelo prof. Bruno Lobo.
Revista dos Militares, n.º 119, Maio.
Aspiração, n.º 1, Junho.
Revista do Brazil, n.º 55, Julho.
Memorial del Ejercito de Chile, Junho e Julho.
Cruzada, E. Militar, Realengo, n.º 7, Junho.
Memorial de Infantaria, Madrid, n.º 101, Junho.
Do summario: Fundamentaes e definitivas lições da guerra passada; O novissimo regulamento activo da infantaria franceza.
La Strategie est une Science, pelo Cap.º Ildeonso Escobar.
Revista Militar, n.º 33, Maio.
Do summario: Os patrulheiros do Iser. A cavall. e fr. no ultimo anno de guerra.
Hoje, Rio, n.º 68.
Do summario: Um auto-didacta: o Exercito.
A Verdade, Rio.
Boletim Mundial, n.º 99.

Explosivos e suas applicações militares

O Sr. Tenente-Coronel Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti acaba de dar, através do 2.º volume da sua obra, «Explosivos e suas applicações militares», mais uma prova da sua competencia sobre a cadeira que professa na Escola Militar.

Em o nosso n.º 66, de Março de 1919, assignalamos a publicação do 1.º volume, isto é, da primeira parte do programma que se traçou o illustrado autor.

Essa parte teve o grande mérito de coordenar satisfactoriamente o estudo dos explosivos quer sob o ponto de vista puramente chimico, quer sob o ponto de vista industrial, onde se destacam as applicações militares.

O Ten. Coronel Uchôa reduziu consideravelmente o trabalho dos seus discipulos e de todos os estudiosos em tal assumpto — poupando-lhes a consulta a um grande numero de livros e revistas technicas onde se acham esparsos os elementos essenciaes e modernos para o conhecimento desse interessante ramo da chimica.

Iniciou seu trabalho com uma significativa carta aberta ao Corpo Docente da Escola Militar do Realengo para que sobre elle faça a critica salutar e conveniente a emprehendimentos dessa ordem, onde os conhecimentos scientificos de par com os da arte e industria militares tanto requerem.

Em 9 lições desdobráveis em muitas aulas, tem-se de principio o estudo da composição dos explosivos, uma recordação ligeira de conhecimentos de mathematica, de physica e de chimica, referidos ao assumpto principal que é o dos

corpos explosivos, realmente feita com simplicidade, muita ordem e de modo incisivo.

Da 2.ª até a 5.ª lições inclusive, trata da decomposição dos mesmos corpos, assumpto que apresentando diversas phases e modalidades, requer uma somma enorme de conhecimentos relativos a todos os phenomenos que então passam, os quaes exigindo uma exposição methodica de todos os detalhes, obrigam a um raciocinio difficil, mas bello e surpreendente nas suas conclusões e demonstrações.

Esta parte é realmente de um valor incontestavel para os militares, especialmente aquelles que se dedicam á technica correlativa.

A multiplicidade das reacções motivadas por um conjunto de circumstancias especiaes que cercam o phenomeno da decomposição, conduz ao estudo especial não só dos agentes de decomposição, como da velocidade e da classificação dos mesmos, de onde se destaca o conhecimento da onda explosiva que, produzida pela decomposição de uma carga em camara fechada, passa d'ahi ao meio ambiente mudando o seu caracter de physico-chimico em physico-mecanico.

Ainda da multiplicidade das decomposições resulta não serem as mesmas susceptiveis de uma unica representação chimica — ou equação de decomposição — o que leva o autor a encadernar todos os dados apresentados até hoje e a apresentar de um modo preciso, aliás interessante, os grupos de equações que traduzem o phenomeno no caso dos explosivos physicos, como no caso dos explosivos chimicos, ficando bem patente em ambos, a difficuldade e mesmo impossibilidade de representações quando o corpo não contém bastante oxygeno para a combustão completa do hydrogeno e do carbono constitutivos.

Em todo caso fica ahi o assumpto bem esplanado pelas numerosas applicações que apresenta, satisfazendo plenamente.

Nas 6.ª, 7.ª e 8.ª lições, são estudadas as propriedades physicas, chimicas e mecanicas dos explosivos, descendo aos minimos detalhes, quer no estudo de todos elles, naquillo que se refere ao ponto de vista theorico, quer quanto ao modo de serem experimentados, occasião em que o autor procura incessantemente encaminhar a segurança os seus discipulos.

E' neste ponto que se acha o estudo dos caracteristicos dos explosivos, o qual sendo altamente e de notaveis resultados praticos, é acompanhado com segurança e elevado ponto de vista dando ao leitor intelligente a convicção da sua conveniencia e mérito na escolha do explosivo para determinado fim.

Para convencer melhor ao leitor de que a pratica dos explosivos requer, além de conhecimentos theoricos, o da applicação dos mesmos aos differentes mysteres a que são obrigados pelo homem, o autor inicia na 8.ª lição e continua pela 9.ª a patentear esses processos, apresentando com abundancia de explicações os dispositivos ou machinas de que se necessita para comprovação dos resultados.

Emfim, na ultima lição e após o conhecimento perfeito do comportamento dos explosivos nas suas differentes applicações, consegue o autor estabelecer uma classificação de explosivos que é muito simples, nenhum artifício

erendo, e por isso parecendo avantajarse ás mais.

As 4 primeiras lições tratam, com todo o desenvolvimento, dos explosivos da serie graxea, sendo a sua complicação e utilidade crescentes, sendo não só o seu estudo chimico propriamente, como apresentando, sempre que possível, a sua utilidade pratica, quer de um modo geral, quer sob o ponto de vista militar.

Desejando salientar o quanto já se faz na fabrica de Piquete, descreve minuciosamente e gradativamente nas 3.^a e 4.^a lições, a fabricacão industrial da nitrocellulose desde o estado bruto do algodão até a sua transformacão final e isto constantemente elucidado por *croquis* das installações e de seu funcionamento; resumindo em descriçào completa desse estabelecimento quasi ignorado, apesar do seu valor.

Igualmente descreveu nas 1.^a e 2.^a lições todos os processos sobre a fabricacão da nitro-glicerina no estrangeiro, criticando com oportunidade as installações para esse mysterio existentes em Piquete, já antiquadas e felizmente aqui sem funcionar.

Descrevendo a fabricacão da nitrocellulose, e a nitroglycerina, reúne grande quantidade de dados sobre sua marcha e suas analyses, formando um repositório das indicações necessarias para se levar avante taes fabricações.

Descreve tambem com perfeição e minuciosamente a fabricacão dos ácidos mineraes (sulfuro e nítrico) necessarios ao preparo das nitrocelluloses e nitroglycerina e que alli, em Piquete, são levadas a termo, em ponto pequeno, com grande, mas com proficiencia e ardor que demonstram a capacidade dos nossos paizes.

Alí tambem os *croquis* apparecem constantemente, esclarecendo asserções, que servem de auxilio para a meditacão dos estudiosos.

Nas 5.^a e 6.^a tratam dos explosivos nitrados da serie aromatica onde se destacam as fabricações da nitrobenzina, nitronaphtalina, trotyl e picrico com os ultimos melhoramentos apresentados, principalmente do trotyl que, desistindo a melinite, é, não obstante, um produto de consecucão difficil por causa da propriedade do tolueno, em paizes como o nosso, onde o mundo industrial ainda é estreito e do que resulta ser necessaria sua acquisição no estrangeiro, pondo-nos em penosa dependencia dos grandes mercados mundiaes.

Nas 7.^a lição destaca-se a fabricacão do fulminato de mercurio onde se fica conhecendo que se faz entre nós, quer no Laboratorio da Armada de Guerra, quer na «Fabrica de Cartuchos do Realengo».

Nesta lição nota-se o estudo dos explosivos da serie cyanica, a que pertence o fulminato, e a mesma ordem que o autor do livro se propoz, valendo-lhe, naturalmente, um caracter pratico e consultivo pelo grande numero de processos e particularidades que apresenta no emprego dos explosivos, embora a parte de applicação propriamente dita seja destinada ao próximo volume.

Nas 8.^a lição acham-se descriptos todos os explosivos de ordem inorganica que, não obstante a falta de dependencia entre si, são tratados em o mesmo cuidado dispensado aos demais, levando as suas principaes condições de estabilidade.

Ahi se acham os derivados do acido azothydrico e do ammoniaco.

A confusão existente na classificacão destes ultimos incitou o autor a lançar á critica dos competentes uma classificacão de *azothydretos* e *ammoniuretos*, lembrando a respectiva origem, o que parece racional, porque, embora sejam todos *azoturetos* segundo a classificacão estabelecida na chimica geral, a enunciacão de um delles, simplesmente, não indica sua proveniencia.

O azothydreto de chumbo ou a *bleiazide* dos allemães, é ahi estudado com o desenvolvimento conveniente, pois trata-se de um corpo detonante que substitue com vantagem o velho e abalisado fulminato de mercurio que tão bons serviços tem prestado e ha de prestar ainda até que o seu substituto natural seja universalmente adoptado.

Da 9.^a á 16.^a lições é onde o livro se demonstra incomparavelmente superior, porque é completo, e, seguindo a classificacão racional, exposta no 1.^o vol., o autor estuda de modo claro e conciso o problema das polvoras, sob o ponto de vista da progressividade, da sua confecção, classificacão e conservacão e das suas propriedades balísticas, de forma a bem esclarecer o principiante.

Com effeito, após a distribuiçào dos explosivos physicos, segundo os tres estados, gazoso, liquido e solido, occupa-se com os pertencentes a este ultimo estado onde se acham todas as polvoras conhecidas, aproveitando-se da oportunidade para declarar peremptoriamente, como correctivo á usança da classificacão de polvoras em *chimicas* e *mecanicas*, que todas as polvoras são corpos *physicos* (misturas), que não ha polvora chimica, pois, mesmo a de b/s nunca encerra unicamente a nitrocellulose.

Estuda em seguida a classificacão das polvoras, a fabricacão das negra, de b/s e de b/d, em todos os seus detalhes, como se faz na Estrella, no estrangeiro e em Piquete. Do mesmo modo que procede em relacão á fabricacão da nitrocellulose e da nitroglycerina, o autor trata da fabricacão, em Piquete, do ether e da acetona, elementos necessarios á fabricacão das polvoras, encaminhando o leitor, por meio de *croquis*, sobre todos os detalhes desse trabalho alli levado avante.

O estudo comparativo que faz das polvoras de b/s e b/d, destaca-se dos que tem vindo á publicidade, porque expõe o problema em todas as suas phases e modos de ser, como tambem pela ordem da sua exposiçào feita com dados e exemplos que calam no espirito de quem lê.

O estudo da conservacão das polvoras, e o dos ensaios de estabilidade das mesmas, é ahi feito com criterio e prudencia nas affirmacões.

A questào dos estabilisadores é discutida de um modo superior, onde o autor demonstra conhecer tudo que se ha feito até aqui a respeito do assumpto pela sua argumentacão concatenada, copiosa e justificada com opiniões de mestres abalisados para quem a chimica não contém segredos.

Termina o livro pela descriçào systematica dos mais conhecidos explosivos pertencentes ás differentes classes, segundo a sua classificacão.

Emfim, como para dar uma prova da sua reverencia ao saber e probidade dos grandes servidores desse ramo dos conhecimentos mi-

tares, o autor relembra constantemente, com carinho e respeito, o esforço e as produções dos técnicos patrios e estrangeiros, a começar pela medicatória feita às memórias dos chefes Marechal Luz e Coronel Pederneiras, além dos preitos de homenagem que rende ao Coronel de Engenheiros Augusto Fausto de Souza, Major Borges Fortes, Dr. Sprengel, Turpin, Favier, Bichel, Walemborg, Limparchit, Nobel, Vieille, etc.

O trabalho do Ten-Coronel Uchôa está destinado a um franco successo.

O esforço da França

(Alguns aspectos da guerra, por Joseph Bédier, professor do «Collège de France»)

Taes são o título e sub-título de um interessante livro em que se patenteia o grande drama da guerra mundial, não já nas grandes linhas empolgantes das operações de movimento ou de sítio, *na scena*, como seria licito dizer, tratando-se de drama, mas na actividade febril, obscura e angustiosa dos bastidores — nesse tuelle obstinado e silencioso, em que a intelligencia que medita e planeja, o trabalho que executa e produz, o espirito que se confrange de dôr e não se abate, andaram profiadamente travados em quatro annos de luta sobre-humana.

Divide-o o autor em quatro partes: Nossa infantaria — Nossa artilharia — Nossos aerosteiros — A pressão alemã na frente franceza — em que separadamente estuda, ainda vibrante da emoção da peleja, o supremo esforço realizado na esphera de cada uma dessas armas e desse serviço e a surpreendente canalisação de uma formidável massa de homens que a Alemanha dirigiu para o theatro de operações do oeste.

Pedimos venia ao autor para resumir aqui, em nosso proveito, o seu bello e interessante livro, em cujas paginas palpita o mais nobre e puro patriotismo.

Começa elle descrevendo a impressão que teve de uma visita às escolas de infantaria do IV Exército, no inverno de 1917, ao assistir no polygono de Bouy, todo branco de espessa neve, a um simulacro de combate feito por um regimento. Tratava-se de ensaiar um processo novo, inventado para melhor se conseguir a «passagem de linhas», que vem a ser o lançar para a frente, no correr de uma acção offensiva, tropas frescas e fazel-as atravessar sem que as unidades se misturem, a tropa que já está travada em combate.

Para a numerosa assistencia de officiaes de todos os postos não tinham mais o sabor da novidade nem o estranho apetrechamento dos soldados, *trablions*, facões de caça, equipamentos de municidores do fuzil-metralhadora, nem os

caudentes esguichos dos lança-chammas, nem as evoluções rhythmicas das esquadras de granadeiros — velharias que datavam umas de seis semanas e outras de seis mezes, a mais archaica talvez de dous annos atrás.

Eis que subitamente nesse curioso scenario a todos foi dado assistir a uma impressionante lição de cousas: uma companhia, somente armada de fuzil, como antes da guerra, apoiada por uma secção de metralhadoras, estendeu-se em ordem dispersa e durante dez minutos entrou á moda de 1914; aos dez minutos de intervalo trabalhou uma outra companhia, em á moda de 1917, isto é, dispondo em duas vagas d'assalto os seus quatro pelotões, pôz em jogo simultaneamente a fuzilaria dos seus velteadores, as granadas dos seus granadeiros, os fogos dos seus fuzis-metralhadoras, as rajadas das metralhadoras, o canhoneio dos morteiros de acompanhamento...

«A' vista e ao ouvido, surgiu formidável o contraste: travado um combate real entre a companhia armada como em 1914 e a outra, a luta forçosamente se desenrolaria como se mandando de negros armados de zagaia e fuzil de pederneira se travasse com uma tropa europeia.

Perguntou o autor ao director da manobra o que teria percebido do exercicio um capitão de infantaria, aprisionado em Blamont a 1.º de Agosto de 1914 e repatriado naquella humana; respondeu-lhe o grave e avisado director que nada ou quasi nada, mais ou menos o mesmo que poderia ter percebido um centurião da segunda guerra punica; mas se o capitão fosse alemão, capturado na vespera ao sul de Juvincourt, esse estaria bem ao par, como era proprio director o estaria em um polygono alemão. Poucos segredos, apenas algumas novidades francezas ou allemães, que a proxima batalha iria desvendar e que allemães e francezes, em mutuo plagio, tratariam de aproveitar, teriam de aprender um com o outro.

Melhor resposta não se pôde dar aos soffrimentos e desprevenidos officiaes que todo o dia perguntam se serão profundas as alterações dos regulamentos de combate.

Nessa guerra que tanta vez pareceu emreecer e estagnar-se, tudo se transformou, evoluiu, o armamento, as technicas diversas, as doutrinas, com a mais estonteadora rapidez o que mais nitidamente se percebe nessa renne torrente, é que o exercito francez soffria e tirou proveito das idéas do exercito allemão e reciprocamente, e que a descoberta de um teve a sua origem na descoberta do outro, tiveram ambos uma extranha vida commum: as garras fincadas um no outro e escorrendo sangue, observavam-se com lucido olhar e esse formidavel corpo a corpo foi como um inferno e monstruoso connubio.

(Continúa)

FICARAM PARA O N. 85

Desenho Militar
Curiosidades estatísticas
Pontes improvisadas
Chapéu no uniforme da campanha
Gymnastica
Pela saúde do Exército

Cap. I. Escobar.

Tte. Alfredo S. dos Santos
Tte. M. C. Souza Ferreira
Tte. Newton Cavalcanti
Tte. Dr. Góes Monteiro

Diversas continuacões